



**Escola de Ciências Sociais e Humanas**  
Departamento de Economia Política

**A perceção dos *Media* sobre a Flexibilidade do Mercado de  
Trabalho dos Jovens Adultos em Portugal**

SUSANA CRISTINA LOURENÇO VIANA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Políticas de  
Desenvolvimento dos Recursos Humanos

Orientadora:  
Doutora Fátima Suleman, Professora Auxiliar  
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

[Setembro, 2017]



**Escola de Ciências Sociais e Humanas**  
**Departamento de Economia Política**

**A perceção dos *Media* sobre a Flexibilidade do Mercado de Trabalho dos Jovens Adultos em Portugal**

SUSANA CRISTINA LOURENÇO VIANA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Políticas de Desenvolvimento dos Recursos Humanos

Orientadora:  
Doutora Fátima Suleman, Professora Auxiliar  
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

[Setembro, 2017]

## AGRADECIMENTOS

Considero que os últimos dois anos foram um desafio para a minha pessoa, uma vez que aliar o emprego aos estudos nem sempre é tarefa fácil e o tempo acaba por ser pouco para tanta coisa que se idealiza e que se gostava de fazer. No entanto, esta tarefa foi facilitada graças à ajuda, incentivo e perseverança de algumas pessoas que, direta ou indiretamente, acabaram por contribuir para o termino de mais uma etapa a que me propus.

Assim sendo, gostaria de deixar um agradecimento especial:

- À Orientadora, Professora Doutora Fátima Suleman, que teve sempre uma paciência e uma disponibilidade enorme para todas as fases deste processo e para a qual as palavras não são suficientes;

- A colegas de trabalho, nomeadamente à Cândida Amaral, Luísa Santos, Fernanda Nobre e Maria José, por todo o apoio e mudanças de perspetivas que me proporcionaram;

- Aos meus colegas de mestrado que aturaram os meus devaneios e stress, em particular à Mafalda Ribeiro (sem ti este caminho teria sido impossível, a tua ajuda foi preciosa e nunca existirão palavras suficientes para te agradecer), à Vanessa Freitas (por toda a paciência, compreensão e ajuda que me deste neste percurso), à Joana Monteiro (pela ajuda), ao Ricardo Gomes (pela sua constante boa disposição) e ao Mário Vicente (por ser uma inspiração constante);

- Ao João Rodrigues, por acreditar que eu posso fazer muito mais mais do que aquilo que eu acho que consigo e por dar o “empurrão” quando necessário;

- Ao Bruno Afonso, sempre pronto a dizer a palavra certa no momento certo, mesmo que isso implicasse ser uma dura verdade, mas que acabou por ser o incentivo que precisava na altura;

- A ti, Joana Galego, por seres a pessoa espetacular que és, por estares sempre presente, por seres a família que eu escolho sempre e para sempre, “gosti”;

- A ti, Ricardo Cruz, por toda a paciência e compreensão que tens tido comigo neste percurso e pela ajuda que me prestaste, sem a qual o tempo dedicado a este projeto teria sido mais penoso e turbulento;

- Aos meus pais, pela preocupação que demonstraram neste período conturbado;

- Por último, à minha avó Margarida, que é a minha inspiração constante e a pessoa que mais admiro na vida por toda a força e positivismo que sempre demonstrou ter, mesmo nos momentos mais difíceis da sua vida. Sem ela este percurso nunca tinha sido possível. Obrigada.

## RESUMO

Esta pesquisa visa analisar o discurso da imprensa em Portugal relativamente à flexibilidade do mercado de trabalho que afeta particularmente os jovens. Desde 2008 que se assiste a um período de recessão económica, tendo-se verificado um aumento da flexibilidade e precariedade do mercado de trabalho. Esta complexidade que abrange o mundo do trabalho afeta os jovens adultos que se encontram em situação de transição entre o fim da vida académica e o início da inserção no mercado de trabalho. Para levar a cabo este estudo recorreu-se à análise de notícias publicadas em dois jornais diários (Jornal de Notícias e Público) em dois períodos distintos (2009 e 2016) através da escolha de determinadas palavras-chave. Os resultados empíricos mostram que o discurso dos *Media* reflete as condições do mercado de trabalho português, uma vez que existe um número elevado de notícias publicadas que incidem sobre o desemprego, flexibilidade, crise económica e precariedade. A associação entre palavras aponta para certas características, causas e consequências da flexibilidade. As notícias sugerem que a flexibilidade está associada à precariedade, afetando os rendimentos e a saúde e bem-estar dos jovens adultos. Indicam ainda que há arranjos contratuais flexíveis que se assemelham à escravatura, especialmente os estágios.

Palavras-chaves: flexibilidade; precariedade; jovens adultos; *Media*; crise económica.

## ABSTRACT

This research examines the Media news on labour market flexibility in Portugal, which affects particularly young people. The economic crisis since 2008 increased the flexibility and precariousness in the labor market. This complexity, which encompasses the world of work, affects young adults who are in transition from school-to-work. To carry out this study we examined the news published in two daily newspapers (Jornal de Notícias and Público) in two distinct periods (2009 and 2016) through certain keywords. The empirical findings show that the *Media* discourse reflects the conditions of the Portuguese labor market, since there is a large number of published news that focuses on unemployment, flexibility, economic crisis and precariousness. The association between words points to the characteristics of, motivations behind and the consequences of flexibility. The news suggest that the flexibility is linked to precariousness; it affects income and health and well-being of young people. The findings indicate in addition that some contractual arrangements are similar to slavery; this particularly the case of internships.

Keywords: flexibility; precariousness; young adults; *Media*; economic crisis.

## ÍNDICE

|                                                                                                                                   |      |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| <b>Agradecimentos</b> .....                                                                                                       | II   |
| <b>Resumo</b> .....                                                                                                               | III  |
| <b>Abstract</b> .....                                                                                                             | IV   |
| <b>Índice de quadros, Gráficos e Figuras</b> .....                                                                                | VII  |
| <b>Índice de Anexos</b> .....                                                                                                     | VIII |
| <b>Introdução</b> .....                                                                                                           | 1    |
| <b>Capítulo I – Mercado de Trabalho</b> .....                                                                                     | 3    |
| 1.1. O Conceito da Flexibilidade do Mercado de Trabalho.....                                                                      | 3    |
| 1.1.1. Emergência do conceito de Flexibilidade do Mercado de Trabalho .....                                                       | 3    |
| 1.1.2. Causas da Flexibilidade do Mercado de Trabalho.....                                                                        | 5    |
| 1.1.3. Tipos de Flexibilidade.....                                                                                                | 7    |
| 1.1.4. Perspetivas sobre a Flexibilidade do Mercado de Trabalho.....                                                              | 8    |
| 1.2. Consequências da Flexibilidade: Precariedade do Mercado de Trabalho .....                                                    | 10   |
| 1.3. A Flexibilidade e a Precariedade: a situação dos jovens adultos .....                                                        | 13   |
| <b>Capítulo II – Os Media</b> .....                                                                                               | 16   |
| 1. Os Media e a Investigação .....                                                                                                | 16   |
| 1.2. A Crise Económica e os Media .....                                                                                           | 16   |
| <b>Capítulo III –Metodologia</b> .....                                                                                            | 18   |
| 3.1. Hipóteses e Estudo .....                                                                                                     | 18   |
| 3.2. Opções Metodológicas e Base de Dados .....                                                                                   | 19   |
| 3.3. Categorias/Variáveis Estudadas .....                                                                                         | 22   |
| <b>Capítulo IV – A perceção dos Media sobre a Flexibilidade do Mercado de Trabalho dos Jovens Adultos: Análise Empírica</b> ..... | 23   |
| 4.1. Situação do Mercado de Trabalho em Portugal .....                                                                            | 23   |
| 4.2. Resultados .....                                                                                                             | 25   |
| 4.3.1. Características Gerais.....                                                                                                | 25   |
| 4.3.2. Análise em Componentes Principais .....                                                                                    | 29   |
| 4.3.2.1. Análise em Componentes Principais Total .....                                                                            | 29   |
| 4.3.2.2. Análise em Componentes Principais por ano (2009 e 2016) e por diário (Jornal de Notícias e Público).....                 | 32   |

|                          |           |
|--------------------------|-----------|
| <b>Conclusão .....</b>   | <b>34</b> |
| <b>Bibliografia.....</b> | <b>37</b> |
| <b>Anexos .....</b>      | <b>40</b> |

## ÍNDICE DE QUADROS, GRÁFICOS E FIGURAS

|                                                                                                                                                                         |    |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Tabela 1</b> – Variáveis utilizadas na medição da percepção dos <i>Media</i> relativamente à flexibilidade do mercado de trabalho dos jovens adultos.....            | 22 |
| <b>Tabela 2</b> – Dados Estatísticos sobre Emprego e Migração.....                                                                                                      | 23 |
| <b>Tabela 3</b> – Dados Estatísticos sobre Emprego.....                                                                                                                 | 24 |
| <b>Gráfico 1</b> – Importância dada pelos <i>Media</i> às categorias sobre o mercado de trabalho dos jovens adultos – Jornal de Notícias (2009, 2016 e Total – %). .... | 27 |
| <b>Gráfico 2</b> – Importância dada pelos <i>Media</i> às categorias sobre o mercado de trabalho dos jovens adultos – Público (2009, 2016 e Total – %). ....            | 28 |
| <b>Tabela 4</b> – Teste de Laiser-Meyer-Olkin (KMO).....                                                                                                                | 29 |
| <b>Tabela 5</b> – Comunalidades.....                                                                                                                                    | 30 |
| <b>Gráfico 3</b> – Gráfico de Escarpa.....                                                                                                                              | 30 |
| <b>Tabela 6</b> – Matriz de componentes rotativa (Total).....                                                                                                           | 31 |

## ÍNDICE DE ANEXOS

|                                                                                                                                                                     |    |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Anexo A</b> – Dicionário de Categorias: A abordagem dos <i>Media</i> ao mercado de trabalho dos jovens adultos.....                                              | 41 |
| <b>Anexo B</b> – Gráfico 3 – Importância dada pelos <i>Media</i> às categorias sobre o mercado de trabalho dos jovens adultos – 2009 (%) – Jornal de Notícias.....  | 42 |
| <b>Anexo C</b> – Gráfico 4 – Importância dada pelos <i>Media</i> às categorias sobre o mercado de trabalho dos jovens adultos – 2016 (%) – Jornal de Notícias.....  | 43 |
| <b>Anexo D</b> – Gráfico 5 – Importância dada pelos <i>Media</i> às categorias sobre o mercado de trabalho dos jovens adultos – Total (%) – Jornal de Notícias..... | 44 |
| <b>Anexo E</b> – Gráfico 6 – Importância dada pelos <i>Media</i> às categorias sobre o mercado de trabalho dos jovens adultos – 2009 (%) – Público.....             | 45 |
| <b>Anexo F</b> – Gráfico 7 – Importância dada pelos <i>Media</i> às categorias sobre o mercado de trabalho dos jovens adultos – 2016 (%) – Público.....             | 46 |
| <b>Anexo G</b> – Gráfico 8 – Importância dada pelos <i>Media</i> às categorias sobre o mercado de trabalho dos jovens adultos – Total (%) – Público.....            | 47 |
| <b>Anexo H</b> – Variância total explicada .....                                                                                                                    | 48 |
| <b>Anexo I</b> – Matriz de componentes rotativa por ano (2009 e 2016).....                                                                                          | 49 |
| <b>Anexo J</b> – Matriz de componentes rotativa por ano (2009 e 2016).....                                                                                          | 50 |

## INTRODUÇÃO

A flexibilidade do mercado de trabalho tem ocupado a atenção dos investigadores, decisores políticos e da sociedade em geral. Tem também merecido a atenção da imprensa, muito especialmente em contexto de crise na medida em que a falta de crescimento económico contribui para a destruição de postos de trabalho e para a criação de emprego de fraca qualidade. Este é o caso do mercado de trabalho português que conheceu um desemprego sem precedentes (no ano de 2013 atingiu-se a taxa de desemprego máxima de 16.4%) e as ofertas de emprego existentes dão lugar a formas de contratação temporárias. Todavia, a forma como a flexibilidade do mercado de trabalho é analisada na imprensa tem sido pouco explorada na literatura.

O presente trabalho visa reduzir esta lacuna e explora a abordagem da flexibilidade realizada pela imprensa em Portugal. A pertinência deste tipo de análise prende-se com o facto de ter um papel preponderante nas mediações entre as intenções políticas dos governantes dos países e o discurso das elites sociais do público em geral de forma a construir um consenso social acerca de um determinado tema (Mylonas, 2012). O trabalho incide sobre dois diários com publicação on-line (Público e Jornal de Notícias) e analisa notícias de dois períodos distintos: durante a crise económica, 2009, e no período mais recente, 2016, em que Portugal conheceu melhorias na sua performance económica. Além disso, o estudo centra-se nos jovens adultos que representam um dos grupos sociais mais afetados pelo desemprego.

Esta realidade faz com que os mesmos estejam mais sujeitos a contratações originadas pelas oscilações do mercado de trabalho e, conseqüentemente, mais propícios a situações de contratos flexíveis, relacionados com o mercado de trabalho externo. Como tal, acabam por ser considerados como um grupo precário, com baixos salários e sujeitos à instabilidade de emprego. Do lado das empresas, há múltiplas motivações para a utilização de contratos flexíveis, entre as quais enfrentar flutuações da produção e selecionar candidatos (Casaca, 2005).

Neste sentido, o objetivo geral do presente estudo é analisar a forma como os *Media* percecionam o tema da flexibilidade do mercado de trabalho dos jovens adultos, através dos seguintes objetivos específicos: i) medir a frequência das variáveis/categorias nos artigos jornalísticos publicados nos jornais Jornal de Notícias e Público, por ano (2009 e 2016); ii) identificar, através das notícias, as características, as causas e as conseqüências associadas à contratação flexível.

Mediante a informação apresentada, com o presente projeto, pretende-se responder à seguinte questão de partida, a qual considera-se pertinente para uma melhor compreensão de como o fenómeno da flexibilidade do mercado de trabalho dos jovens adultos está a ser

retratado pelos *Media*: De que forma os *Media* percecionam a flexibilidade do mercado de trabalho dos jovens adultos? Cujo objetivo é fazer uma análise de ocorrência de um conjunto de termos associados ao trabalho flexível dos jovens adultos durante o período de análise e ver como os mesmos se relacionam entre si e percecionar se nos dois períodos (2009 e 2016) esses mesmos termos foram alterando a sua frequência.

No entanto, para além da questão central já mencionada existem outras questões que fazem sentido serem analisadas no contexto deste trabalho. A primeira: Poderá o período de crise económica em Portugal ter afetado a quantidade e o conteúdo das notícias publicadas sobre a flexibilidade do mercado de trabalho dos jovens adultos? Sendo que o objetivo é medir a frequência de determinadas variáveis/categorias nas notícias publicadas nos dois jornais diários analisados (Jornal de Notícias e Público), por ano (2009 e 2016). A segunda: Será que as notícias abordam os impactos que a flexibilidade do mercado de trabalho tem na situação profissional dos jovens adultos? Pretendendo-se verificar se as notícias publicadas abordam as características, causas e consequências da flexibilidade e de que forma as mesmas retratam as condições do mercado de trabalho a que os jovens estão sujeitos.

Desta forma, a relevância do presente trabalho assenta no facto de perceber se as notícias publicadas nos *Media* sobre a flexibilidade laboral associada aos jovens adultos têm impacto numa sociedade cada vez mais informatizada e se este tema tem relevância para a sociedade portuguesa com uma mão-de-obra cada vez mais envelhecida e com uma população jovem que nunca recorreu tanto à emigração como no presente.

## **CAPÍTULO I – MERCADO DE TRABALHO**

### **1.1. O Conceito da Flexibilidade do Mercado de Trabalho**

#### **1.1.1. Emergência do conceito de Flexibilidade do Mercado de Trabalho**

A flexibilidade do mercado de trabalho é um tema que tem vindo a ser discutido de forma mais ou menos intensa ao longo dos anos, mas a verdade é que muitas vezes é difícil chegar a um consenso sobre o que este termo efetivamente representa. Para tal, considerou-se pertinente estudar o que os diversos autores pesquisaram ao longo dos anos até ao presente e ver as suas perspetivas sobre o assunto supracito.

Doeringer e Piore (1985) foram dos primeiros autores a considerar as alterações, desafios e oportunidades que as organizações estavam a atravessar e as consequências que as mesmas poderiam trazer para o futuro das relações laborais, abordando pela primeira vez os conceitos de mercados de trabalho interno e externo. Como tal, na década de 70, os autores referiram que na altura eram as organizações que estabeleciam os procedimentos que consideravam necessários para gerir os seus colaboradores, fazendo uma distinção clara entre o mercado de trabalho interno e o mercado de trabalho externo, existindo um claro esforço "por afastar os trabalhadores do mercado interno da influência direta do mercado de trabalho externo" (Doeringer e Piore, 1985).

No mercado interno de trabalho os processos contratuais são geridos por uma parte administrativa dentro da organização. Enquanto no mercado de trabalho externo esses processos contratuais são geridos segundo as necessidades e oscilações de oferta e procura que são controladas por variáveis económicas (Doeringer e Piore, citados por Suleman – 2007; Doeringer e Piore, 1985).

Os mercados internos acabam por estar associados a uma maior estabilidade de emprego, permitindo a afetação de pessoas ao seu local de trabalho e fazendo com que as mesmas tenham um sentimento de pertença e que contribuam de forma mais efetiva para as organizações onde trabalham (Suleman, 2007).

Alguns economistas consideram que os mercados de trabalho internos são um investimento que é feito conjuntamente entre empregadores e empregados. Estes promovem a acumulação de capital humano específico dentro das organizações através de recompensas que se baseiam na antiguidade, promovem o emprego a longo prazo, permitem a formação no posto de trabalho e, ainda, concedem a promoção dentro das empresas (Lee, 2015).

Kalleberg et al. (2000) na sua obra afirmam que, no final dos anos sessenta e inícios da década de setenta, muitos economistas consideravam que o mercado de trabalho estava dividido em dois segmentos: o primeiro era composto pelos “bons” empregos e o segundo era composto pelos “maus” empregos. Estes últimos são considerados para os autores os empregos com baixos salários e sem acesso a seguros de saúde e outros benefícios sociais.

No seu estudo, Kallberg et al. (2000), consideram que o regime normal de emprego assenta num pagamento de um empregador mediante o trabalho feito num horário de trabalho estipulado (normalmente a tempo inteiro), num local fixo, sobre o controlo da entidade patronal e com uma expectativa mútua por parte do empregado e do empregador de continuação de trabalho, os trabalhadores têm, ainda, leis laborais e benefícios sociais que os protegem de condições de trabalho perigosas. Logo este associa-se aos denominados “bons” empregos.

Já o regime de emprego não habitual, segundo Kallberg et al. (2000) e Watt (2008) está associado ao trabalho realizado em regime de part-time, ao trabalho temporário oferecido pelas empresas criadas para esse fim, à contratação independente e ao emprego por conta própria. Watt (2008) acrescenta que os novos empregos que estão a ser criados são “maus empregos”, uma vez que os trabalhadores são obrigados a trabalhar cada vez mais, quer em termos de volume de trabalho, quer em termos de volume de horas, o que lhes retira parte da sua vida social. Estes “novos” empregos também se associam cada vez mais a contratos de trabalho não padronizados, que fornecem aos trabalhadores poucos ou nenhuns benefícios sociais.

Os “maus” empregos estão frequentemente associados a baixos salários, sendo que este é o medidor mais comum para diferenciar os “bons” dos “maus” empregos. Outras medidas que permitem medir os “maus” empregos são os seguros de saúde e os benefícios para a reforma que os empregos oferecem (Kallberg et al., 2000; Kallberg, 2012). Os autores defendem que a insegurança no trabalho está bem mais associada ao regime de emprego não habitual do que ao regime normal de emprego. Acrescentam, ainda, que os “maus” empregos têm aumentado nos últimos anos.

Tendo em consideração o mencionado podemos afirmar que os mercados de trabalho internos estão associados aos “bons empregos” mencionados anteriormente por Kallberg et al. (2000) e que os mesmos, pela volatilidade do mercado de trabalho, se têm degradado cada vez mais dando origem a novas formas de contratação, consideradas mais flexíveis.

Neste seguimento, nos últimos anos tem-se assistido a uma degradação dos mercados de trabalho internos, uma vez que a contratação de mão-obra muitas vezes já não é feita apenas quando é necessário e deixa de se dar primazia às promoções internas. Por outro lado, começa a existir a valorização de competências para determinados postos, o que leva muitas vezes a um

recrutamento externo, deixando de lado as pessoas afetas à organização que não possuem os requisitos necessários para as funções (Suleman, 2007). Ou seja, cada vez mais se dá primazia aos mercados de trabalho externos, que estão muitas vezes associados aos “maus” empregos (segundo Kallberg et al., 2000) e de forma direta associados à dita flexibilidade do mercado de trabalho.

A noção de flexibilidade está associada a termos como liberdade, autonomia do trabalhador, empreendedorismo e surge como uma nova forma de empregabilidade. A mesma é vista como a solução a adotar pelas empresas para se poderem adaptar às oscilações dos mercados, dos produtos, das tecnologias ou mesmo da variação de clientes que vão existindo em determinados períodos (Casaca, 2005).

Quando se tenta associar a flexibilidade do mercado de trabalho com a qualidade de emprego as conclusões são simples: hoje em dia o acesso aos ditos “bons” empregos é muito reduzida e as pessoas que têm empregos “com baixo nível de qualidade, têm muito pouca probabilidade de obter empregos com melhor qualidade”, apenas de referir que a qualidade de emprego é medida através da “segurança do emprego, do acesso à formação, do desenvolvimento da carreira e, ainda, ao salário por hora” (Kovács, 2004).

### **1.1.2. Causas da Flexibilidade do Mercado de Trabalho**

Ao longo dos anos também foram analisadas as diversas causas para o aumento da flexibilidade do mercado de trabalho, porque as oscilações do mercado de trabalho aconteceram devido a vários fatores externos que direta ou indiretamente e com maior ou menor relevância acabaram por influenciar as atuais formas de contratação existentes.

Cada vez mais se fala numa economia mundializada, em que as relações de mercado vão além das fronteiras físicas dos países e onde o principal objetivo é rentabilizar ao máximo as empresas. Neste sentido, pretende-se cada vez mais contratar uma força de trabalho que responda rapidamente, facilmente e a baixo custo às oscilações do mercado, A empresa ideal, na atualidade, é aquela que consegue responder rapidamente aos desafios que lhe são impostos, com os menores gastos possíveis e com a rentabilidade mais elevada, combinando, assim “diferentes regimes de emprego dentro de si mesma, com vista a obter tanto flexibilidade funcional como flexibilidade quantitativa” (Kovács, 2004).

Segundo Tregaskis et al. (1998), para alguns autores que estudaram durante muitos anos a indústria manufatureira, a tecnologia é a principal responsável por uma forma de trabalho mais flexível e dá uma resposta rápida à crescente mudança verificada no mercado de trabalho, sendo que esta teoria também é corroborada por Green et al. (2013) e por Kalleberg (2009).

Esta teoria também é corroborada por Bloka et al. (2012), que afirma que a economia moderna veio alterar as relações e o mercado de trabalho, passando de uma economia baseada na indústria manufatureira e na agricultura para uma economia onde os serviços e o conhecimento ocupam lugar. O conhecimento é encarado na atualidade como uma forma de fazer crescer e tornar mais produtiva a economia. Uma vez que o conhecimento é bastante valorizado na era atual, torna-se importante que colaboradores com mais conhecimento devam ser incentivados a trabalhar mais eficientemente e mais efetivamente. Esta situação implica que os trabalhadores tenham mais autocontrolo e liberdade, introduzindo, assim, a flexibilidade do mercado de trabalho nas organizações

A esta transformação é dada o nome de Novas Formas de Trabalho, que acaba por ter mudanças ao nível de quatro aspetos: do espaço físico de trabalho; da tecnologia; da organização e direção; e da cultura do trabalho.

O primeiro aspeto acaba por aumentar a flexibilidade do mercado de trabalho, uma vez que o indivíduo pode estar em qualquer lugar a trabalhar e fazer o seu próprio horário, desde que o prazo para entrega dos projetos seja respeitado. O segundo acaba por estar muito ligado ao primeiro, uma vez que a tecnologia permite trabalhar remotamente a partir de quase todo o lado. Quanto ao terceiro aspeto, acaba por ser um desafio para as organizações gerirem pessoas, já que muitas vezes estas não estão presencialmente e tem de existir uma maior confiança nas mesmas. Quanto ao quarto aspeto é evidente que a cultura de trabalho está a alterar-se e torna-se necessário existir uma maior colaboração e mais partilha de informação (Bloka et al. – 2012).

Complementando as ideias apresentadas pelos autores anteriores, Atkinson (1985), citado por Tregaskis et al. (1998) afirma que existem três razões principais para o crescimento da flexibilidade do mercado de trabalho: os primeiros dois estão relacionados com as dificuldades económicas verificadas no seguimento do avanço da economia dos novos tempos (a contenção pela qual a população teve de passar após o final dos anos 60, de forma a recuperar do período de crise anterior e a crise da economia capitalista); o terceiro tem a ver com a mudança na produção das organizações que foi essencial para tentar ultrapassar o período de crise, que se verificou com a introdução de mais tecnologia (fator apresentado também por Tregaskis et al., 1998; Bloka et al., 2012) .

Kallberg (2009) acrescenta que o fenómeno da globalização, bem como o aumento do neoliberalismo são igualmente responsáveis pelo aumento do trabalho precário. Este último defende que as proteções sociais passam a ser desreguladas, privatizadas ou deixam mesmo de existir.

Para Green et al. (2013) considera-se que os países mais ricos têm empregos de maior qualidade, levando a que o PIB desses países também seja mais elevado e, consequentemente, exista um aumento da qualidade do emprego. No entanto, se o modelo dos países se basear no Neo-Fordismo a probabilidade da qualidade do trabalho diminuir ou estagnar é muito maior. Já no mundo Pós Fordista assiste-se à evolução das tecnologias, que acabam por ser uma constante no mundo moderno, e tornam o trabalho mais autónomo e um constante desafio, sendo os trabalhadores postos à prova constantemente e levando a novas formas de trabalho.

Efetivamente estas são teorias que vários autores partilham para explicar o aumento da flexibilidade, como já foi apresentado anteriormente.

### **1.1.3. Tipos de Flexibilidade**

Para Casaca (2005) é possível distinguir dois tipos de flexibilidade: a flexibilidade produtiva e a flexibilidade de trabalho. A primeira está associada às alterações levadas a cabo pela tecnologia e à forma como as organizações se adaptam às variações quer quantitativas, quer qualitativas externas: “Assim sendo, designam-se de flexíveis aquelas organizações que se afastam do modelo de produção taylorista-fordista, rígido e burocrático e que apresentam capacidade de resposta rápida e maleável às variações externas” (Casaca, 2005). Já a flexibilidade de trabalho refere-se às próprias condições de emprego e de trabalho oferecidas, englobando a aptidão que as organizações têm de se ajustar e modificar “modos de recrutamento, de contratação e estatutos de emprego, de mobilidade interna e remuneração, de conteúdos de tarefas e qualificações, de tempos de trabalho e de níveis de proteção social” (Casaca, 2005). Se analisarmos cuidadosamente estes dois termos apercebemo-nos que ambos acabam por levar à rutura “do modelo de emprego intrínseco ao período de regulação fordista” (Casaca, 2005).

Atkinson (1984) citado por Casaca (2005) criou a teoria de um modelo de empresa flexível, tendo identificado quatro tipos de flexibilidade:

- “Numérica: compreende a diversificação da duração do tempo de trabalho por via do recurso ao tempo parcial, a horários flexíveis, a horas extraordinárias; e também a variabilidade do número de efetivos da empresa, através das contratações a prazo e da dispensa de trabalhadores (despedimentos).
- Funcional: diz respeito à variação das tarefas realizadas e ao alargamento das competências e das qualificações de cada trabalhador (vulgo polivalência), constituindo um vetor fundamental da dinâmica dos mercados internos das empresas.

- Distanciação: trata-se de uma estratégia que inclui a subcontratação de mão-de-obra a outras empresas (por exemplo, a empresas de trabalho temporário) e a externalização de tarefas que não sejam centrais à atividade da empresa em questão.
- Remuneratória: refere-se à variação do montante remuneratório em função do desempenho individual, do departamento ou do volume de vendas e lucros da empresa”.

#### **1.1.4. Perspetivas sobre a Flexibilidade do Mercado de Trabalho**

A flexibilidade do mercado de trabalho é vista de diversas formas pelos autores, há quem afirme que a mesma tem uma conotação positiva, mas também há quem diga que a flexibilidade laboral é responsável por muita da precariedade existente.

Comecemos pelos autores que consideram que a flexibilidade laboral está associada a aspetos positivos. Para Tregaskis et al. (1998, citando Tilly, 1991; Wareing, 1992) a flexibilidade laboral é amiga do trabalhador, uma vez que permite passar mais tempo com a família e pode empregar pessoas que de outra forma não poderiam trabalhar (exemplo: pessoas com deficiências), defende, ainda, que a flexibilidade é uma mais valia para os empregados, uma vez que vai de encontro às suas necessidades e podem ter mais tempo livre para se dedicarem ao que quiserem.

Para Lott (2015) a autonomia do tempo de trabalho pode facilitar a combinação entre o trabalho e a vida pessoal, mas também leva à intensificação do trabalho e ao excesso do mesmo. Neste sentido, o trabalho flexível e autónomo tem efeitos positivos na vida profissional, mas muitas vezes pode gerar conflitos na vida familiar. O tempo acaba por ser um fator crucial para combinar o trabalho com a vida e por vezes a flexibilidade e a autonomia laboral podem impedir os trabalhadores de conjugarem o trabalho com as suas responsabilidades e atividades fora do trabalho.

Para Senett (1998) citado por Bradley e Devadason (2008) e para Kallberg (2012) a economia moderna está efetivamente ligada à flexibilidade do mercado de trabalho, de onde se destacam determinadas características, nomeadamente o aumento da competitividade, com claras consequências no mercado; a variedade dos mercados, que requerem uma constante adaptação dos trabalhadores às novas competências pedidas; e é necessário um constante e eficiente uso do trabalho para responder às exigências da procura e oferta do mercado de trabalho, surgindo assim a flexibilidade

Para Bauman (1998), Senett (1998) e Beck (2000), citados por Bradley e Devadason (2008) esta situação traz várias consequências negativas para os empregados, uma vez que está

associada a insegurança, instabilidade, a perda da identidade ocupacional e das competências tradicionais.

Entramos então nas consequências negativas para alguns autores da flexibilidade do mercado de trabalho.

Para Tregaskis et al. (1998, citando Bevan, 1996; Simkin & Hillage, 1992; Standing, 1997) a flexibilidade é vista por alguns autores como um retrocesso aos tempos da Revolução Industrial uma vez que está associada à desvalorização do posto de trabalho, criando trabalhadores vulneráveis. É vista por outros como uma forma irresponsável e pouco preocupada de aproximar empregados e empregadores, uma vez que está associada à desunificação da força de trabalho. As situações apresentadas podem levar a que os indivíduos tenham um sentimento de insegurança (Brewster et al. 1997 citado por Smithson et al. 1998 e por Kovács 2004).

Lott (2015) afirma que desde a flexibilização do mercado de trabalho os seus benefícios têm vindo o ser questionados, uma vez que esta está frequentemente associada à intensificação do trabalho e do stress, o que causa consequências negativas na vida profissional das pessoas, também são apoiantes desta teoria Bradley e Devadason (2008).

Para Kaufman (2010) e Tregaskis et al. (1998) o problema do mercado de trabalho reside no facto de se verificar, por parte dos colaboradores e das próprias empresas, uma certa passividade face ao mercado de trabalho. E com as alterações da economia, dos modelos de produção e do próprio mercado de trabalho, devendo este ser visto como algo dinâmico e flexível, onde deve existir um ajustamento entre a produção e a força de trabalho que é pretendida. O que nos leva à mudança do mercado de trabalho, tornando-o mais flexível e dinâmico.

A flexibilidade dentro das organizações é essencial para as mesmas responderem às necessidades das mudanças económicas do trabalho, no entanto se usada em excesso pode prejudicar as mesmas, uma vez que os empregadores não estão dispostos a despende recursos para formar empregados que não tenham um vínculo mais efetivo com a organização, tornando a competitividade da empresa negativa (Tregaskis et al. 1998).

Para os governos a flexibilidade do mercado de trabalho pode ser vista como uma forma de reduzir o desemprego, no entanto também pode ser visto como uma forma de reduzir as oportunidades de um emprego melhor (Tregaskis et al. 1998).

## **1.2. Consequências da Flexibilidade: Precariedade do Mercado de Trabalho**

Tal como já mencionado até aqui a flexibilidade do mercado de trabalho muitas vezes está associada à precariedade e este tema tem estado na origem de diversas discussões levadas a cabo por governantes, empresários e população geral.

Durante vários anos os agentes sociais, económicos e políticos foram forçados a tornar o trabalho mais precário. Segundo Kalleberg (2009) o trabalho precário está associado ao emprego incerto, imprevisível e de risco, do ponto de vista do trabalhador. Os sociólogos têm mostrado diversas preocupações associadas ao trabalho precário. Estas estão associadas à insegurança laboral que influencia várias pessoas, mas também estão associadas a situações que vão além do trabalho, como as experiências individuais (stress), sociais (família) e políticas (estabilidade).

Para Reilly et al. (2009) a precariedade está associada ao trabalho flexível nas formas de Trabalho Temporário e de Part-Time. Sendo que os indivíduos sentem aquilo que se denomina de percepção de insegurança no trabalho.

Para Casaca (2005) a precariedade deve ser analisada do ponto de vista sociológico, podendo ser identificadas duas dimensões: a objetiva e a subjetiva. A primeira refere-se à precariedade de direito e está associada a aspetos jurídicos e formais que estão em torno da relação de trabalho. Assim sendo, a precariedade está associada a relações contratuais não permanentes e a um nível baixo ou mesmo nulo de proteção social – contratos a termo certo e incerto, prestações de trabalho pontuais, com ou sem contrato, ou a “recibo verde” (situações que, por exemplo, indiciam casos de falso trabalho independente). A precariedade objetiva pode, ainda, estar associada aos postos de trabalho pouco ou nada qualificados, a funções pouco valorizadas, a condições de trabalho penosas que colocam os colaboradores em risco de saúde física e mental, a baixas perspetivas de desenvolvimento profissional, a baixos salários e à desadequação entre a função exercida e as qualificações apresentadas.

Já a segunda, a dimensão subjetiva, refere-se à tentativa de deter a (in)voluntariedade que está inerente a essa relação, à percepção que se tem da mesma (insegurança subjetiva ou incerteza), ao grau de (in)satisfação no que se refere às condições de trabalho e às “próprias motivações e recompensas intrínsecas decorrentes da situação de trabalho” (Casaca, 2005). Neste sentido considera-se que um trabalhador que tem um contrato precário, que não está satisfeito com a função que desempenha e que não tira nenhuma recompensa intrínseca no exercer da sua função é, segundo esta dimensão, um trabalhador precário.

O trabalho apresenta-se como parte da identidade dos indivíduos e acaba por fazer a estratificação das pessoas na sociedade (Kalleberg, 2009). Sendo que a falta de trabalho leva muitas vezes a situações de precariedade.

Kalleberg (2009) cita a Organização Internacional do Trabalho (OIT), identificando sete dimensões de precariedade, em que cinco delas estão diretamente relacionadas com o emprego e com o trabalho:

“(1) Insegurança do mercado de trabalho (falta de oportunidades de emprego).

(2) Insegurança do trabalho (proteção inadequada contra a perda de emprego ou despedida arbitrária).

(3) Insegurança de emprego (inabilidade de continuar em uma ocupação particular devido à falta de delimitações de ofício e qualificações de trabalho).

(4) Insegurança de segurança e saúde (condições precárias de segurança ocupacional e saúde).

(5) Insegurança de reprodução de experiência (falta de acesso à educação básica e treinamento vocacional).

As outras duas dimensões de precariedade são:

(6) Insegurança de renda (nível inadequado de renda; nenhuma garantia de recebimento ou expectativa de um nível adequado de renda atual e futura). Insegurança de renda indica se as rendas são adequadas e se existem auxílios de renda quando necessários.

(7) Insegurança de representação (falta de direitos individuais em leis e de direitos coletivos para negociar). Esse tipo de insegurança pode ser visto como uma causa dos outros tipos, no sentido em que, se trabalhadores são capazes de exercer representação individual e coletiva, eles são menos propensos a ficarem inseguros em outras dimensões.” (Kalleberg, 2009)

A maior parte dos trabalhos flexíveis são considerados trabalhos precários, ou seja, são mal remunerados, provocam instabilidade no posto de trabalho, os despedimentos são facilitados, são restritos quanto aos direitos sociais e não oferecem grande possibilidade de evolução profissional. Esta flexibilidade e consequente precariedade está frequentemente associada à substituição do contrato de trabalho por contratos de prestação de serviços (os ditos “recibos verdes”) e por subcontratações (Kovács, 2004).

Em Portugal podemos identificar as seguintes formas de trabalho flexível (Código do Trabalho):

- trabalho com contrato de duração determinada;
- trabalho temporário;

- trabalho independente;
- trabalho a tempo parcial.

O primeiro é um contrato a termo certo e tem os seus limites (início e fim) bem definidos (o mesmo pode ser renovado até três vezes por um limite máximo de seis anos, dependendo dos casos).

O trabalho temporário é semelhante ao anterior, uma vez que também tem datas definidas, no entanto implica uma relação de três partes entre a empresa de trabalho temporário (ETT) como empregadora, a empresa utilizadora e o colaborador.

Quanto ao trabalho independente, o indivíduo é o seu próprio empregador, sendo ao mesmo tempo trabalhador e empresário.

No trabalho a tempo parcial tem-se em consideração o tempo de trabalho, podendo o mesmo assumir diversas variantes, nomeadamente horas por dia, mês, semana, entre outros.

As conclusões são simples: a precariedade está cada vez mais enraizada nas sociedades e afeta, cada vez mais, classes sociais e áreas que outrora eram protegidas destas situações (Diogo, 2010).

“Um emprego de má qualidade (isto é, penoso, perigoso, precário, com baixa remuneração e com baixo prestígio social) relega os indivíduos para as margens, ou mesmo para fora dos modos de vida socialmente aceites e desejáveis numa dada sociedade, ou seja, para situações de exclusão social e pobreza” (Diogo, 2010).

Reilly et al. (2009) consideram que o emprego dito vulnerável inclui baixos rendimentos, deduções ilegais e/ou injustas a partir daquilo que se recebe, locais de trabalho pouco seguros, direitos limitados e insegurança no emprego.

Como já mencionado anteriormente, a flexibilidade do mercado de trabalho pode ser vista de diversas perspetivas, todas elas distintas entre si, uma vez que a mesma pode oferecer oportunidades (rendimentos extras, maior disponibilidade horária). Mas, ao mesmo tempo, também pode trazer obstáculos (menos direitos sociais, menor probabilidade de progressão na carreira, ordenados menores). Pode ser uma situação provisória até ter algo melhor. Pode ser um processo escolhido pelo indivíduo por diversas razões (complemento salarial, preferência de organização do seu próprio horário). Ou, em muitos casos é mesmo por não existir mais nenhuma opção, já que muitas vezes esta é a única forma dos indivíduos conseguirem algum tipo de rendimento (Kovács, 2004).

### **1.3. A Flexibilidade e a Precariedade: a situação dos jovens adultos**

Diversos estudos feitos revelam que um dos grupos mais afetados pela flexibilidade e consequente precariedade são os jovens adultos.

Mas para entender o que são jovens adultos, convém analisar um pouco da literatura já existente. Sendo que definir o conceito de jovem adulto nem sempre é fácil, uma vez que as palavras jovem e adolescente aparecem muitas vezes como sinónimos (Sanchis, 1997). Para este autor a integração no sistema produtivo dos indivíduos implica que estes adquiram o “status” de adulto, no entanto nos últimos anos tem-se verificado que cada vez mais os jovens prolongam a sua vida académica até mais tarde. Desta forma, não é possível que os ditos jovens sejam integrados dentro da cronologia estabelecida por economistas. São muitos os autores, citados por Melo e Borges (2007) que defendem que a identificação do que é um jovem não deveria ser feita mediante um critério estatístico, ou seja, por faixa etária.

Assim sendo, Melo e Borges (2007) consideram que o conceito de jovem é “aberto, sendo, portanto, construído no contexto do processo histórico-cultural, sempre com uma tentativa de aproximação conceitual”. Acrescentam, ainda, ao conceito, bem como Dayrell (2003), o facto do indivíduo jovem ter chegado ao final da sua adolescência “(através do término das mudanças corporais da puberdade, da aquisição de maturidade sexual, da resolução de crises de identidade, da consolidação do crescimento físico e da personalidade, da maior independência intelectual, etc.)”, e de ter obtido um conjunto de condições essenciais, embora ainda não suficientes, para desempenhar as funções de um adulto na sua plenitude. De acrescentar que um indivíduo para os autores apenas é considerado como tal “quando possuir um emprego relativamente estável e seguro, ou seja, quando a sua inserção no mercado de trabalho tiver ocorrido de forma plena, após o enfrentamento dos obstáculos socioeconómicos da sociedade em que vive e aqueles advindos da sua relação com o mundo do trabalho”.

Dayrell (2003) acrescenta também que “é possível marcar um início da juventude, quando fisicamente se adquire a capacidade de procriar, quando a pessoa dá sinais de ter necessidade de menos proteção por parte da família, quando começa a assumir responsabilidades, a buscar a independência e a dar provas de autossuficiência, dentre outros sinais corporais e psicológicos”.

Lobato (2004) acrescenta mesmo que um jovem adulto é um indivíduo que se encontra na faixa etária dos 22 aos 35 anos, uma vez que é nesta fase que o indivíduo “consegue estabelecer relacionamentos pessoais íntimos e duradouros, em contraposição com situações de

isolamento”. Para a autora, um jovem adulto também possui a capacidade de estabelecer uma ligação entre o seu ser individual e o seu ser profissional, sendo possível fazer a ligação entre as duas esferas: a pessoal e profissional.

Da literatura lida chegou-se à conclusão que um jovem adulto pode ser definido a partir dos seguintes critérios: (a) a tentativa de participação na vida ativa da sociedade, depois de ultrapassado o seu período de adolescência; (b) o esforço de integração numa determinada área de trabalho; (c) possuir a capacidade de decisão face à sua vida pessoal e profissional, sem ter de depender da opinião familiar; (d) o facto de se verificar um esforço de atingir a independência financeira, para não depender da família de origem; (e) indivíduos na faixa etária entre os 20 e os 35 anos, uma vez que espelha a realidade entre o término dos estudos (obrigatório e opcional) e a possível total independência da família de origem. Acrescenta-se, ainda, que “o jovem de hoje é aquele que ainda busca a sua identidade profissional, a sua autonomia nas decisões pessoais e profissionais, a sua independência financeira e a sua participação ativa na sociedade por meio do trabalho” (Melo e Borges, 2007). Apenas de referir que para o presente estudo ter-se-á apenas em consideração, por se tratar de uma análise feita a artigos jornalísticos, a alínea (e), referente ao critério da idade, por ser a única que é possível analisar.

Existe, hoje em dia, uma percepção por parte dos jovens adultos de que já não existem empregos para a vida, cada vez mais as exigências da economia mundial apontam para um mercado de trabalho mais flexível (Brewster et al. 1997 citado por Smithson et al. 1998 e por Kovács 2004).

Atkinson, citado por Kovács (2004) afirma que existem grupos presentes no mercado de trabalho que se adaptam aos mecanismos de mercado, permitindo, assim, que exista uma livre circulação de recursos económicos e que exista uma adaptação numérica das empresas associada às oscilações de procura do mercado, sendo o grupo mais comum o dos jovens adultos, uma vez que estão em fase de conclusão dos seus estudos e ainda não possuem a experiência necessária para integrar o mercado de trabalho.

Segundo Bradley e Devadason (2008) os jovens estão mais sujeitos à perda de emprego e ao desemprego. Muitas vezes a sua trajetória depois de acabarem a sua formação passa por vários estádios de trabalho, que vão desde o trabalho temporário, ao desemprego, ao trabalho por conta própria, muitas vezes voltam a estudar ou podem mesmo conseguir trabalho a tempo inteiro. Muitas vezes o que acontece é que uma mesma pessoa pode passar por mais do que uma das fases apresentadas anteriormente ao mesmo tempo.

O desemprego acaba por ameaçar a integração dos jovens na sociedade. Para Kieselbach (2003) existem alguns fatores que são os principais responsáveis para o aumento do risco de exclusão dos jovens a longo termo, que são as baixas qualificações, a passividade face ao Mercado de Trabalho, a pouca ou nenhuma ajuda social e a insuficiente ou inexistente ajuda institucional.

No entanto, nem sempre esta situação é tão drástica como mencionada pelos anteriores autores e é dito que as pessoas com mais qualificações acabam por não estar tão sujeitas a estas situações de precariedade (Bradley e Devadason, 2008).

## **CAPÍTULO II – OS *MEDIA***

### **1. Os *Media* e a Investigação**

Os meios de comunicação, também conhecidos como *Media*, criam informação e permitem passar ao público uma perceção dos fenómenos que marcam a atualidade, permitindo criar opiniões sobre os mesmos e informar em tempo real os espetadores/leitores sobre qualquer fenómeno, em qualquer parte do mundo (Elena, 2014).

No decorrer do século XXI o ritmo de informação e conhecimento dos indivíduos cresceu em larga escala e os *Media* tentaram acompanhar esse ritmo fazendo chegar a informação atualizada ao minuto e, muitas vezes, ao segundo junto dos espetadores.

São já diversos os trabalhos que recorrem à utilização dos diversos tipos de *Media* para realizar trabalhos de investigação. Em Portugal, no ano de 2009, Coelho recorreu aos mesmos para analisar a forma como os jovens estavam a ser retratados pelo discurso da imprensa nacional, tendo para tal examinado o conteúdo e o estilo dos textos publicados.

Também Rose e Baumgartner (2013) realizaram um estudo sobre a forma como os *Media* estavam a representar o fenómeno da pobreza nos Estados Unidos da América, utilizando para tal o período temporal entre 1960 e 2008, onde analisaram todas as notícias online do New York Times onde o termo pobreza aparecesse.

Lauricella (2016) levou a cabo um estudo sobre a forma como os *Media* abordam a meditação a nível mundial, para tal foi elaborada uma pesquisa de notícias escritas em inglês, no período compreendido entre 1979 e 2014, que tivessem o termo meditação.

### **1.2. A Crise Económica e os *Media***

Na sua obra Mylonas (2012) refere que desde que a crise económica rebentou em 2008 deu-se o colapso dos mercados e originou uma recessão económica dos setores financeiros e não financeiros. O autor considera que o dinheiro, o trabalho e o consumo são fatores preponderantes de uma crise.

Harvey (2010), citado por Mylonas (2012), afirma que a crise que se iniciou em 2008 é considerada uma crise de superacumulação, o que significa que não estão a ser produzidos benefícios suficientes, o que faz com que não existam boas oportunidades de investimento.

Esta situação vem no seguimento da criação do neoliberalismo, que surgiu nos anos 70 como doutrina política e económica para superar a crise dessa altura.

As características do capitalismo neoliberal assentam: na desregulamentação da atividade económica, quer local, quer globalmente; nas privatizações; nas políticas fiscais

opcionais; nas reduções com os gastos sociais; e na redução das taxas de competição agressivas, das condições flexíveis do mercado de trabalho e dos impostos aplicados aos mais ricos.

Neste sentido, surgem três situações que apesar de não estarem diretamente ligadas geram crescimento económico, mas também ajudam a desenvolver as contradições nas quais a nova crise surgiu. Esses três desenvolvimentos são: o crescimento da desigualdade; o desenvolvimento de um setor financeiro assente no risco, na aventura e nos investimentos especulativos; e a produção de atividade especulativa assente em possíveis “investidores” financeiros.

Segundo Mylonas (2012), em tempos de crise as relações sociais e económicas precisam de ser severamente reconfiguradas e a dívida acaba por oferecer estratégias políticas que garantem receitas económicas.

Os meios de comunicação e o discurso das elites associam frequentemente a crise capitalista a uma crise de dívida. A dívida dos países é uma característica intrínseca ao processo capitalista de produção e acumulação.

Os meios de comunicação, segundo o autor, acabam por ter um papel preponderante nas mediações entre as intenções políticas dos governantes dos países e o discurso das elites sociais do público em geral de forma a construir um consenso social acerca de um determinado tema. Sendo assim, os *Media* desempenham um papel central na informação que chega ao público, no caso em estudo clarificam acerca do que é a crise, da sua importância, em que estado se encontra, quem são os responsáveis pela mesma e o que deveria ser feito para a ultrapassar.

Segundo Baranowska (2014), os meios de comunicação funcionam como uma fonte transmissora de informação e as pessoas baseiam a sua opinião na informação que recebem.

## CAPÍTULO III –METODOLOGIA

### 3.1. Hipóteses e Estudo

O presente trabalho tem como tema central de estudo a percepção dos *Media* sobre a flexibilidade do mercado de trabalho dos jovens adultos.

Para a realização do mesmo consideraram-se as características do emprego em Portugal, nomeadamente a situação profissional, com maior ênfase para as situações de desemprego e para as causas e consequências da flexibilidade do mercado de trabalho.

Através da análise das notícias publicadas nos diários Jornal de Notícias e Público pretende-se cumprir os seguintes objetivos empíricos:

- Medir a frequência de determinadas variáveis/categorias nas notícias publicadas nos dois jornais diários analisados (Jornal de Notícias e Público), por ano (2009 e 2016);
- Verificar se as notícias publicadas abordam as características, causas e consequências da flexibilidade e de que forma as mesmas retratam as condições do mercado de trabalho a que os jovens estão sujeitos;

Com o presente trabalho consideram-se, assim as seguintes proposições:

- Proposição 1 – O discurso dos *Media* reflete as condições do mercado de trabalho. Em épocas de recessão, as notícias sobre desemprego e outros fenómenos do mercado de trabalho tendem a ser mais frequentes, enquanto em tempo de retoma tornam-se menos relevantes e são menos frequentes;
- Proposição 2 – Existência de associações no discurso dos *Media*. Espera-se que as categorias/variáveis: desemprego, flexibilidade, precariedade e crise económica tenham uma associação forte entre si, uma vez que em tempos de crise económica esta situação tende a verificar-se.
- Proposição 3 – Os *Media* percecionam a realidade do mercado de trabalho dos jovens adultos. Tanto o diário Jornal de Notícias como o Público percecionam que o mercado de trabalho dos jovens adultos é cada vez mais flexível e está, constantemente, associado a condições precárias;
- Proposição 4 – Em tempos de crise económica existe ajustamento de emprego. Os *Media* associam que a crise económica em Portugal levou a que existisse um ajustamento do emprego em Portugal.

### 3.2. Opções Metodológicas e Base de Dados

Por todo o material empírico apresentado, considera-se pertinente ver como os *Media* estão a retratar o tema da flexibilidade do mercado de trabalho dos jovens adultos.

Segundo Calixto (2008), os trabalhos académicos, sobre temas pertinentes do quotidiano, têm tido um grande aumento nas últimas décadas e a pesquisa académica passa por diversas fases de elaboração, sendo que a parte da pesquisa metodológica tem sido alvo de diversas discussões.

A autora considera que a metodologia da pesquisa é uma fase crucial na realização de qualquer trabalho científico, uma vez que se torna necessário identificar as técnicas que vão ser adotadas para poder atingir as respostas “ao problema objeto de análise e investigação”. Como tal, são identificados três grupos quanto ao objetivo de pesquisa: exploratório, descritivo e explicativo.

No presente estudo ir-se-á utilizar o objetivo de pesquisa exploratório. Este método, segundo Calixto (2008) e Raupp e Beuren (2003), é utilizado quando a informação que existe sobre o tema em estudo é pouca e se pretende aprofundar o mesmo, de forma a conhecer mais o assunto. Desta forma, torna-se possível formular hipóteses que podem vir a ser utilizadas em futuros trabalhos. Este é bastante importante quando se pretende abrir novos horizontes no campo científico, podendo gerar interesse para que o tema continue a ser estudado.

O presente estudo tem, assim, um carácter exploratório, uma vez que no mundo académico existe pouca bibliografia acerca da perceção dos *Media* sobre a flexibilidade do mercado de trabalho dos jovens adultos. Assim sendo, não se pretende chegar a conclusões gerais, mas sim abrir portas para que no futuro o tema em estudo possa vir a ser mais aprofundado (Raupp e Beuren, 2003).

A primeira tarefa foi escolher o tipo de jornais e quais seriam analisados na procura das notícias. Neste sentido, foram escolhidos jornais nacionais diários: Jornal de Notícias e o Público, por se tratarem de jornais generalistas com edições digitais e por esse ter sido o critério definido, por uma questão de facilidade de recolha de informação.

Numa segunda fase, pretende-se identificar todas as notícias cujo tema seja a flexibilidade ligada à precariedade do mercado de trabalho para os jovens adultos. O período de análise irá incidir nos anos de 2009 e 2016.

O ano de 2009 permite analisar o período durante a crise económica em Portugal e o ano de 2016 o período pós crise económica pelo que se pretende analisar a existência de possíveis alterações face à situação profissional dos jovens ou se a mesma se manteve.

Para tal, foram identificadas as seguintes palavras-chave: “autonomia”; “condições de trabalho”; “desemprego” ou “perda de emprego”; “flexibilidade do emprego” ou “flexibilidade do mercado de trabalho”; “graduados”; “insegurança”; “NEET<sup>1</sup>”; “oportunidade”; “precariedade”; “trabalho precário”; “salários baixos”; “jovens”.

No total foram recolhidas 134 notícias dos dois diários, sendo que 76 são do Jornal de Notícias e 58 do Público. Quanto aos anos em análise, recolheu-se do ano de 2009 um total de 75 notícias (53 notícias do Jornal de Notícias e 22 notícias do Público) e do ano de 2016 um total de 59 notícias (23 notícias do Jornal de Notícias e 36 notícias do Público).

Existem dois tipos de análise: a quantitativa e a qualitativa. A primeira, segundo Creswell (2007), consiste num levantamento e numa descrição quantitativa ou numérica de tendências, atitudes ou opiniões de uma população, tendo como base uma amostra da mesma. A partir dos resultados recolhidos através da amostragem, o investigador tira conclusões sobre a população geral.

É neste sentido que surge a Análise em Componentes Principais. Para melhor compreender este método é importante referir o que já foi escrito sobre o mesmo. Neste sentido, Moreira (2007) descreve este método estatístico como “uma técnica de análise exploratória de dados multivariados que transforma um conjunto de variáveis correlacionadas num conjunto menor de variáveis independentes, simplificando os dados através da redução do número de variáveis necessárias para os descrever, que são combinações lineares das variáveis originais, designadas por componentes, que poderão ser utilizados como indicadores que resumem a informação disponível nas variáveis originais” (Moreira, 2007).

Este método, no entanto, apresenta algumas limitações, nomeadamente no que se refere à decisão do número de componentes que são passíveis de explicar “uma percentagem apreciável dos dados originais” (Moreira, 2007).

Sendo assim, é criada uma rotação dos fatores que permite melhorar a interpretação dos dados e que permite que cada variável possa ser explicada com o menor número possível de fatores. Esta pode ser ortogonal ou oblíqua. Enquanto na primeira dá-se prioridade à preservação das distâncias e dos ângulos, uma vez que os eixos entre as variáveis permanecem perpendiculares. Na segunda nem as distâncias nem os ângulos são preservados, já que alguns fatores estão correlacionados entre si (Moreira, 2007).

---

<sup>1</sup> NEET – Not in Employment, Education or Training – Ou seja representam jovem que não está nem a trabalhar nem a estudar nem a frequentar qualquer tipo de formação

Estes métodos de rotação vão fazer com que os fatores mais altos ainda se elevem mais e com que os baixos ainda fiquem mais baixos e fazem desaparecer os fatores com valores médios. Apenas de referir, que é considerado significativo um fator que seja maior ou igual a 0,5 (Moreira, 2007).

Na análise qualitativa, considera-se que existe um determinado conjunto de características numa dada mensagem que está a ser lida, surgindo, assim, a análise de conteúdo que é uma técnica de pesquisa que consiste em trabalhar as palavras criando um determinado número de ilações sobre o conteúdo que se está a analisar (Caregnato e Mutti, 2006).

Ao analisar os jornais diários nacionais pretende-se fazer simultaneamente dois tipos de análise: uma quantitativa e outra qualitativa.

Com a primeira deseja-se quantificar o número de notícias publicadas nos dois anos de análise, bem como a frequência da existência nas notícias das seguintes categorias/variáveis: “desemprego”; “falta de emprego”; “procura de emprego”; oferta de emprego”; “flexibilidade”; “contrato a termo”; “recibos verdes”; “trabalho temporário”; “trabalho independente”; “trabalho tempo parcial”; “estágios”; “precariedade”; “insegurança”; “oportunidade”; “autonomia”; “acréscimo de rendimento”; “perda de autonomia”; “baixos rendimentos”; “pobreza”; “escravatura”; “crise económica”; “ajustamento do emprego”; “falta de proteção social”; “saúde e bem-estar”; “jovens”; “licenciados”; “mulheres”; “pouco qualificados”; “imigrantes”; “emigrantes”.

Pretende-se, ainda, fazer a Análise em Componentes Principais (ACP), uma vez que se pretende a partir de um conjunto de dados que estão correlacionados entre si criar variáveis independentes, desta forma existe uma diminuição, uma supressão de justaposições e escolhe-se os dados mais representativos a partir de combinações lineares das variáveis originais (Moreira, 2007).

De forma a poder determinar o número de componentes principais a reter ir-se-á utilizar o método de Kaiser, uma vez que o número de variáveis em estudo no presente trabalho é 30 e escolhem-se as componentes cujo valor próprio seja superior a 1.

O objetivo da análise qualitativa é fazer associações entre as palavras mencionadas anteriormente sobre o tema da flexibilidade dos jovens adultos numa perspetiva positiva e negativa, permitindo ver como as mesmas se relacionam entre si.

Pretende-se, também, fazer uma análise de conteúdo, através das condições empíricas apresentadas pelos artigos jornalísticos, sendo criadas categorias/variáveis que permitem fazer uma análise das diversas unidades do texto e quantificar as repetições das expressões linguísticas associadas às categorias/variáveis criadas.

Para o presente trabalho teve-se apenas em consideração dois jornais diários nacionais, o que pareceu suficiente dada a natureza exploratória do trabalho. No entanto, em estudos posteriores seria interessante analisar outro tipo de jornais e, consequentemente, uma maior quantidade de notícias.

### 3.3. Categorias/Variáveis Estudadas

Para a realização do presente trabalho, teve-se em consideração 30 categorias/variáveis, que permitem estudar a percepção dos *Media* sobre a flexibilidade do mercado de trabalho dos jovens adultos representados na Tabela 1.

**Tabela 1** – Categorias/variáveis utilizadas na medição da percepção dos *Media* relativamente à flexibilidade do mercado de trabalho dos jovens adultos

| Categorias/Variáveis   |                                |                                |                                |
|------------------------|--------------------------------|--------------------------------|--------------------------------|
| V1 - Jovem             | V9 - Trabalho Temporário       | V17 - Falta de emprego         | V25 - Pobreza                  |
| V2 - Licenciado        | V10 - Trabalho Independente    | V18 - Crise Económica          | V26 - Escravatura              |
| V3 - Pouco Qualificado | V11 - Trabalho a Tempo Parcial | V19 - Ajustamento do Emprego   | V27 - Falta de Proteção Social |
| V4 - Mulher            | V12 - Recibos Verdes           | V20 - Procura de Emprego       | V28 - Saúde e Bem-Estar        |
| V5 - Emigrante         | V13 - Estágios                 | V21 - Oferta de Emprego        | V29 - Autonomia                |
| V6 - Imigrante         | V14 - Precariedade             | V22 - Oportunidade             | V30 - Perda de Autonomia       |
| V7 - Flexibilidade     | V15 - Insegurança              | V23 - Baixos Rendimentos       |                                |
| V8 - Contrato a Termo  | V16 - Desemprego               | V24 - Acréscimo de Rendimentos |                                |

Para a análise das notícias considerou-se importante criar um dicionário de categorias (Anexo A<sup>2</sup>), onde pudesse ser passível o leitor compreender da melhor forma o processo de análise das notícias, bem como os resultados oriundos dessa mesma análise, que serão apresentados no capítulo seguinte.

---

<sup>2</sup>Consultar Anexo A (A1 e A2)

## CAPÍTULO IV – A PERCEÇÃO DOS MEDIA SOBRE A FLEXIBILIDADE DO MERCADO DE TRABALHO DOS JOVENS ADULTOS: ANÁLISE EMPÍRICA

### 4.1. Situação do Mercado de Trabalho em Portugal

*Tabela 2 – Dados Estatísticos sobre Emprego e Migração*

*Fonte: PORDATA*

|      | Taxa de Desemprego: total e por grupo etário (%) |      |       |       | Desempregados inscritos nos Centros de Emprego e de Formação Profissional (média anual): total e por grupo etário (%) |       |       |      | Emigrantes temporários: total e por grupo etário % |       |       |
|------|--------------------------------------------------|------|-------|-------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------|-------|------|----------------------------------------------------|-------|-------|
| Anos | Grupos etários                                   |      |       |       | Grupos etários                                                                                                        |       |       |      | Grupos etários                                     |       |       |
|      | Total                                            | <25  | 25-54 | 55-64 | <25-34                                                                                                                | 35-44 | 45-54 | 55+  | 20-24                                              | 25-29 | 30-34 |
| 2009 | 9,4                                              | 20,3 | 9,2   | 7,6   | 36,8                                                                                                                  | 22,0  | 22,6  | 18,5 | -                                                  | -     | -     |
| 2010 | 10,8                                             | 22,8 | 10,7  | 8,9   | 35,4                                                                                                                  | 23,0  | 23,3  | 18,3 | -                                                  | -     | -     |
| 2011 | 12,7                                             | 30,2 | 11,9  | 10,8  | 34,1                                                                                                                  | 23,3  | 23,7  | 18,8 | 15,5                                               | 13,0  | 8,1   |
| 2012 | 15,5                                             | 37,9 | 14,7  | 12,7  | 35,4                                                                                                                  | 24,1  | 23,1  | 17,4 | 16,8                                               | 12,8  | 10,4  |
| 2013 | 16,2                                             | 38,1 | 15,5  | 13,7  | 34,4                                                                                                                  | 23,8  | 23,5  | 18,2 | 15,7                                               | 12,9  | 12,0  |
| 2014 | 13,9                                             | 34,8 | 12,7  | 13,5  | 32,4                                                                                                                  | 22,9  | 23,9  | 20,7 | 17,5                                               | 19,5  | 14,0  |
| 2015 | 12,4                                             | 32,0 | 11,2  | 12,4  | 31,6                                                                                                                  | 21,8  | 23,9  | 22,6 | 16,9                                               | 13,2  | 9,4   |
| 2016 | 11,1                                             | 28,0 | 10,0  | 11,0  | 31,3                                                                                                                  | 21,4  | 23,6  | 23,7 | -                                                  | -     | -     |

Da análise estatística existente, pode-se verificar que a taxa de desemprego dos jovens em Portugal (de referir que, por se tratar de uma análise estatística, não é possível analisar os jovens adultos pelos critérios mencionados anteriormente, pelo que se utilizará a referência de <25 anos, por ser a considerada dos sites de referência estatística portugueses) registou um aumento desde 2009 até 2013 e desde aí verificou-se um ligeiro decréscimo da mesma até 2016. De referir, ainda, que os jovens foram o grupo mais afetado pelo desemprego em Portugal (Tabela 2).

Através da Tabela 2, pode-se concluir que no período entre 2009 e 2016 houve uma diminuição da percentagem de jovens (aqui presentes estatisticamente com a faixa <25-34) inscritos nos Centros de Emprego à procura do primeiro emprego, situação que pode ser explicada pelo aumento da emigração temporária nesta faixa. Pode-se concluir, ainda, que os jovens são o grupo etário que apresenta uma maior percentagem de pessoas inscritas nos Centros de Emprego.

**Tabela 3 – Dados Estatísticos sobre Emprego**

**Fonte: PORDATA**

|      | Trabalhadores por conta própria: total e por nível de escolaridade completo (%) |                             |          | Trabalhadores por conta própria como empregadores: total e por nível de escolaridade completo (%) |          | Trabalhadores por conta de outrem: total e por tipo de contrato (%) |                          | Duração média semanal do trabalho efectivo da população empregada: total e por situação na profissão (Hora-Média) |                                            |                                               |
|------|---------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------|----------|---------------------------------------------------------------------------------------------------|----------|---------------------------------------------------------------------|--------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------|-----------------------------------------------|
|      | Nível de escolaridade                                                           |                             |          | Nível de escolaridade                                                                             |          | Tipo de contrato                                                    |                          | Situação na profissão                                                                                             |                                            |                                               |
| Anos | Sem nível de escolaridade                                                       | Secundário e pós secundário | Superior | Secundário e pós secundário                                                                       | Superior | Contrato permanente/sem termo                                       | Contrato a termo/a prazo | Trabalhador por conta de outrem                                                                                   | Trabalhador por conta própria como isolado | Trabalhador por conta própria como empregador |
| 2009 | 12,6                                                                            | 8,1                         | Rv 8,6   | 13,4                                                                                              | 15,2     | 78,0                                                                | 17,9                     | 35,0                                                                                                              | 33,2                                       | 44,7                                          |
| 2010 | 12,3                                                                            | 8,2                         | Rv 9,2   | 14,1                                                                                              | 15,7     | 77,2                                                                | 19,0                     | 35,5                                                                                                              | 32,4                                       | 44,1                                          |
| 2011 | ⊥ Rv 11,1                                                                       | ⊥ 9,8                       | ⊥ 11,3   | ⊥ 15,5                                                                                            | ⊥ 18,9   | ⊥ 78,0                                                              | ⊥ 18,3                   | ⊥ 34,9                                                                                                            | ⊥ 30,8                                     | ⊥ 46,1                                        |
| 2012 | 10,2                                                                            | 10,8                        | 12,2     | 17,9                                                                                              | 20,4     | 79,5                                                                | 16,9                     | 34,7                                                                                                              | 30,8                                       | 46,0                                          |
| 2013 | 8,8                                                                             | 12,4                        | 13,4     | 20,1                                                                                              | 19,2     | 78,6                                                                | 17,6                     | 34,9                                                                                                              | 31,1                                       | 44,6                                          |
| 2014 | 7,1                                                                             | 13,7                        | 14,9     | 18,7                                                                                              | 22,4     | 78,6                                                                | 17,8                     | 35,0                                                                                                              | 31,0                                       | 45,0                                          |
| 2015 | 6,2                                                                             | 15,2                        | 15,9     | 21,3                                                                                              | 21,0     | 78,0                                                                | 18,5                     | 35,0                                                                                                              | 32,0                                       | 46,0                                          |
| 2016 | 5,4                                                                             | 14,8                        | 18,2     | 21,3                                                                                              | 22,9     | 77,7                                                                | 18,6                     | 34,0                                                                                                              | 32,0                                       | 45,0                                          |

Da análise efetuada à Tabela 3, podemos verificar que de 2009 para 2016 existiu um aumento da percentagem de trabalhadores por conta própria tanto para isolados, como para empregadores, situação que pode explicar-se pela falta de oferta de emprego disponível em Portugal, pela necessidade que surgiu de aumento de rendimentos, mediante o período de crise económica e, ainda, pelo incentivo que foi dado pelo partido político que governava o país na altura para os portugueses apostarem no empreendedorismo.

Pode-se verificar, ainda, que cada vez mais em Portugal está a diminuir os contratos de trabalho permanentes/sem termo e a aumentar os contratos de trabalho a termo/prazo, podendo-se constatar que a situação dos portugueses face ao vínculo contratual é cada vez mais precária, deixando de existir empregos para a vida como antigamente.

Por fim, da análise estatística levada a cabo podemos verificar que o número de horas em média que um trabalhador por conta própria como empregador trabalha é bastante superior ao número de horas médias que um trabalhador por conta de outrem trabalha, uma vez que o primeiro trabalha, em média, mais 10 horas do que o segundo.

## 4.2. Resultados

### 4.3.1. Características Gerais

Torna-se importante perceber a pertinência que cada uma das categorias/variáveis tem nos dois jornais diários analisados, como tal foram feitos dois gráficos (Gráfico 1 e Gráfico 2)<sup>3</sup>, um para o Jornal de Notícias e outro para o Público, onde é possível comparar o peso de cada uma dessas categorias/variáveis por ano, por total de notícias publicadas e por jornal.

Assim sendo, no Gráfico 1, está presente a análise feita ao Jornal de Notícias. No mesmo é perceptível que a categoria/variável que assume uma maior importância nos dois anos em estudo é a V16 (desemprego), com uma percentagem de 27% no ano de 2009 e de 25% no ano de 2016, tendo registado uma ligeira diminuição. As segunda e terceira categorias/variáveis que os *Media* mais mencionam são a V1 (jovens) e a V18 (crise económica), com 17% e 14% em 2009 e com 25% e 11% em 2016, respetivamente, enquanto houve um aumento do discurso jornalístico que engloba os jovens de 2009 para 2016, em relação à crise económica verifica-se precisamente o inverso, ou seja, uma diminuição de 2009 para 2016. De referir, ainda, que o discurso jornalístico destaca as variáveis V14 (precariedade), V2 (licenciado) e V23 (baixos rendimentos), como temas bastante tratados nas notícias, quer de 2009, quer de 2016, embora exista um aumento da percentagem de notícias que aborda a precariedade e os baixos rendimentos de 2009 para 2016 e uma diminuição da percentagem de notícias que menciona os licenciados. Apenas para finalizar, quer no ano de 2009, quer no ano de 2016 as categorias menos frequentes nos dois diários foram a V11 (trabalho a tempo parcial), a V29 (autonomia) e a V28 (escravatura).

Quanto ao jornal Público, presente no Gráfico 2, é perceptível que as categorias/variáveis que tiveram maior destaque nas notícias publicadas, quer em 2009, quer em 2016, foram: a V1 (jovens), que à semelhança do jornal anterior verifica-se que a percentagem de notícias publicadas com esta categoria/variável foi mais elevado no ano de 2016 do que no ano de 2009, com 18% e 16%, respetivamente; a V16 (desemprego), que sofreu uma descida bastante significativa de 2009 para 2016, de 23% para 7%; a V14 (precariedade), que assume importância idêntica nos dois anos em análise, tal como a V19 (ajustamento do emprego), sendo esta última a quinta categoria/variável a que os *Media* dão mais importância; já a V18 (crise económica) é a quarta categoria/variável com maior percentagem, tendo também, à semelhança do outro diário analisado, sofrido um decréscimo de 2009 para 2016 de 8% para 6%. Já as menos frequentes foram a V10 (trabalho independente), a V30 (perda de autonomia) e a V20

---

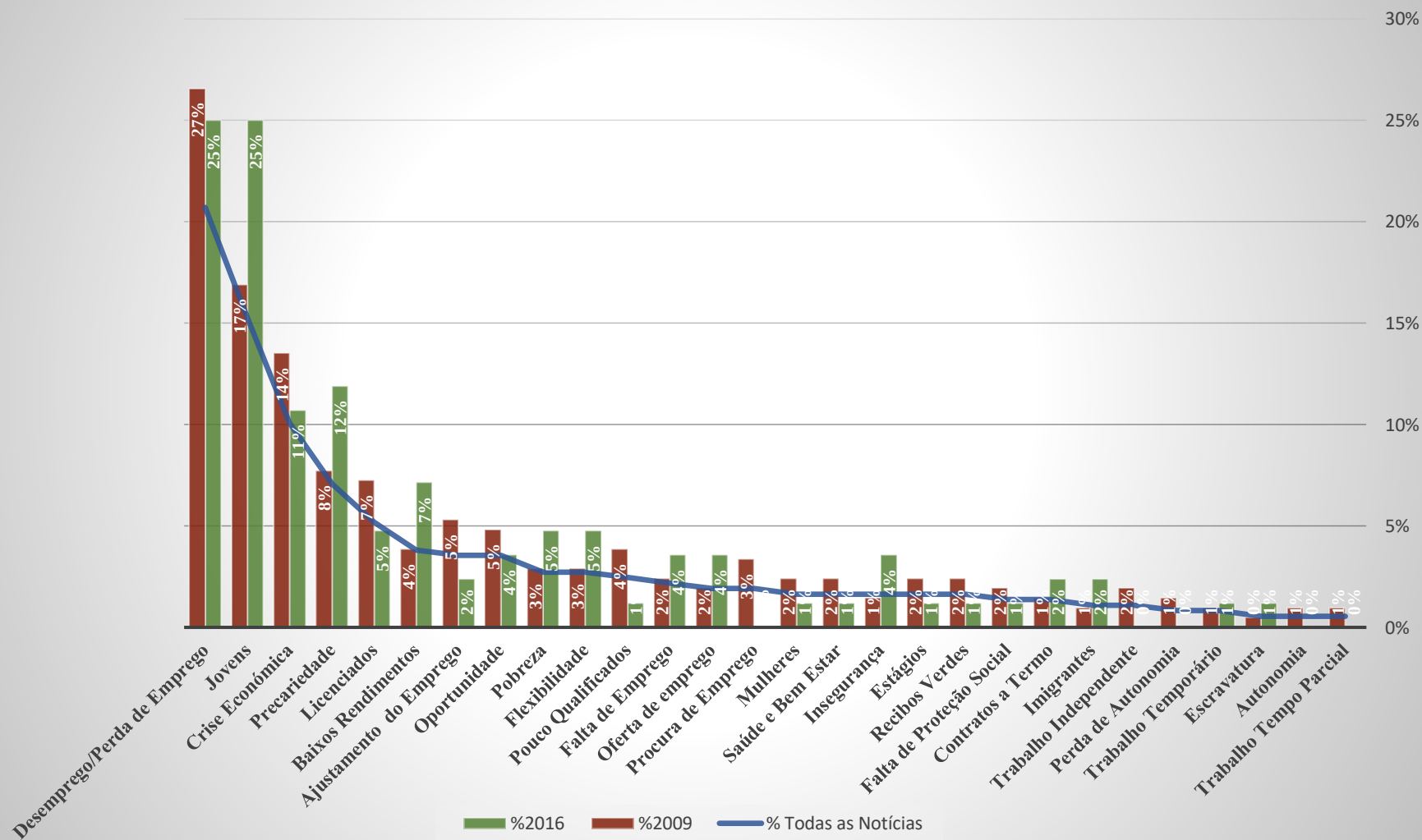
<sup>3</sup> Que foram feitos com base nos Gráficos presentes nos Anexos B, C, D, E, F e G

(procura de emprego), apenas de referir que nem a V10, nem a V30 foram alvo de atenção por parte deste diário no ano de 2009, apenas tendo assumido alguma importância no ano de 2016.

Da análise feita, podemos concluir que, quer no Jornal de Notícias, quer no Público, é dada bastante importância às categorias/variáveis V16 (desemprego), V1 (jovens), V18 (crise económica) e V14 (precariedade), o que coincide com a conjuntura económica que caracterizava o país entre 2009 e 2016.

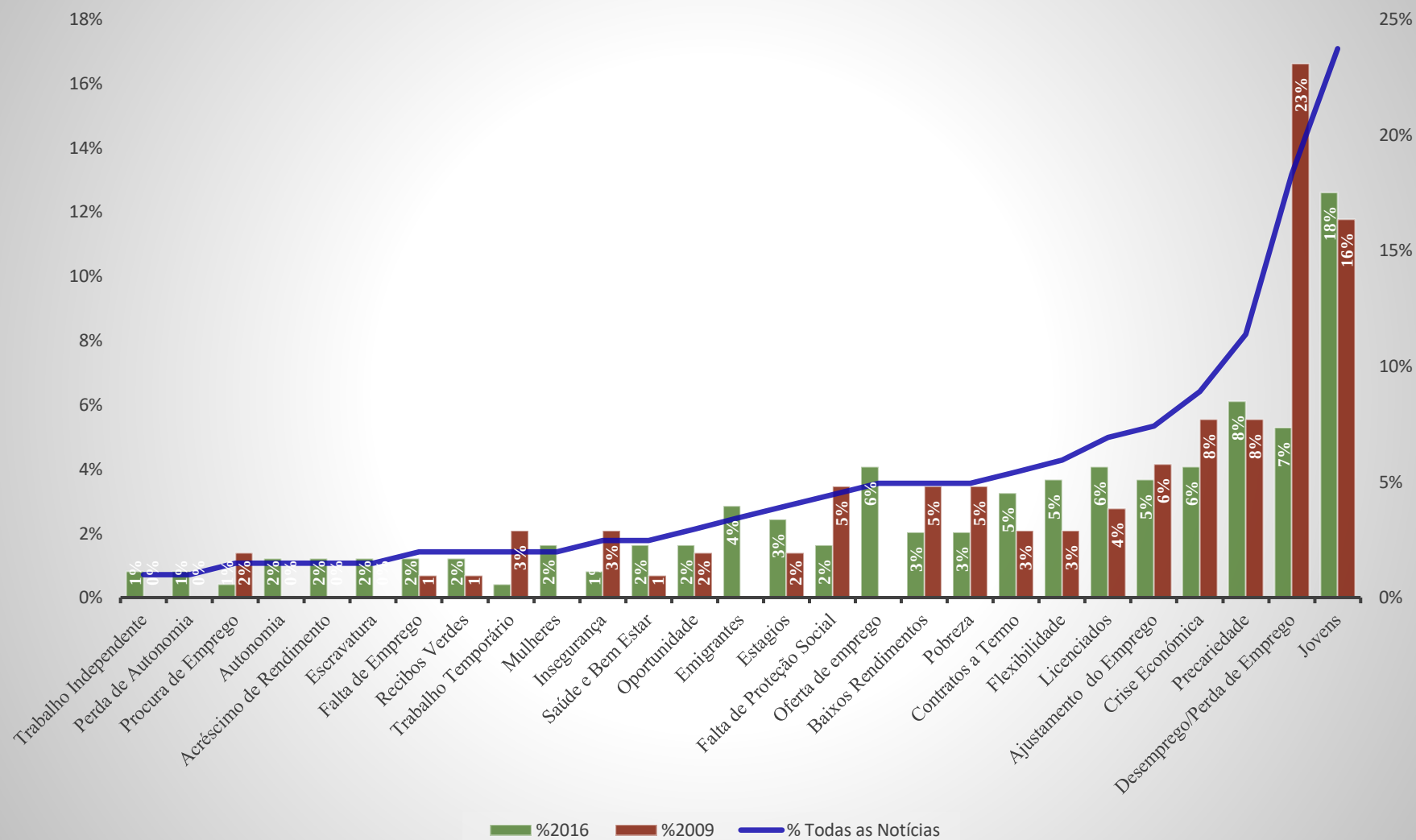
Pode-se, ainda, afirmar que os *Media* percecionam que os jovens adultos em Portugal estão bastante sujeitos a situações de desemprego, que se agravou com o período de crise económica pela qual o país passou desde 2009 e que se prolonga até 2016 (ano em que, para muitos economistas, começa a haver uma recuperação da economia portuguesa), deixando os mesmos sujeitos a situações de precariedade.

**Gráfico 1 - Importância dada pelos Media às categorias sobre o mercado de trabalho dos jovens adultos - Jornal de Notícias**  
(2009, 2016 e Total - %)



## A percepção dos Media sobre a Flexibilidade do Mercado de Trabalho dos Jovens Adultos

**Gráfico 2 - Importância dada pelos Media às categorias sobre o mercado de trabalho dos jovens adultos Público (2009, 2016 e Total - %)**



### 4.3.2. Análise em Componentes Principais

Nesta secção apresentamos os resultados da Análise em Componente Principais (ACP), a qual visa explorar associações entre categorias analisadas nas notícias dos jornais. Não se pretende explicar as correlações existentes entre as variáveis, mas sim esclarecer ao máximo as variações observadas dos dados existentes, bem como fazer a sua descrição e redução através de combinações lineares das variáveis iniciais que possam ser encontradas.

Como tal, assume-se que as componentes principais permitem explicar da melhor forma a variância dos dados originais, sendo que a primeira componente é a que explica melhor essa variância, a segunda explica ao máximo a variância ainda não explicada, e assim por diante. Ou seja, a última componente principal será considerada como a que tem menor contributo para a explicação da variância total dos dados originais.

De referir que foram feitas diversas experiências com as variáveis mencionadas no subcapítulo 3.3., no entanto apenas se vai mostrar nesta secção as que apresentam frequências acima de 10 observações e contribuem de forma relevante para o estudo das características, causas e consequências da flexibilidade. A análise incide primeiramente sobre o total de notícias publicadas e a seguir sobre notícias publicadas por ano (2009 e 2016) e por diário (Jornal de Notícias e Público).

#### 4.3.2.1. Análise em Componentes Principais Total

A primeira tarefa foi perceber se a ACP é adequada para o estudo. O valor do teste de adequabilidade de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) de 0,530 permite desde logo concluir que a ACP é uma técnica ajustada a este exercício. Sublinhe-se, no entanto que esta análise visa unicamente explorar associações que poderão merecer outro tratamento no futuro.

**Tabela 4 – Teste de Laiser-Meyer-Olkin (KMO)**

| Teste de KMO e Bartlett                               |                     |         |
|-------------------------------------------------------|---------------------|---------|
| Medida Kaiser-Meyer-Olkin de adequação de amostragem. |                     | ,530    |
| Teste de esfericidade de                              | Aprox. Qui-quadrado | 303,565 |
| Bartlett                                              | gl                  | 120     |
|                                                       | Sig.                | ,000    |

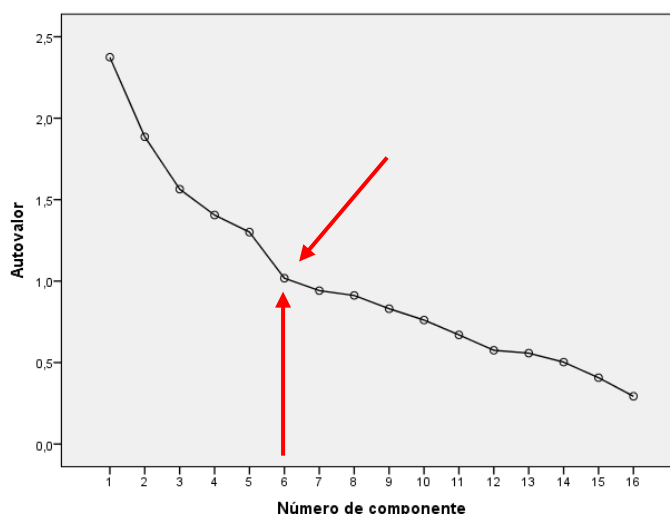
Pode-se verificar na Tabela 5, que todos os valores das variáveis estão acima de 0,5, como tal todas elas são capazes de explicar a variação, sendo que quanto maior a comunalidade, maior a capacidade de explicar aquela variável. Neste sentido, as variáveis que apresentam uma maior comunalidade são os estágios (0,768), os contratos a termo (0,753) e a falta de proteção social (0,701).

**Tabela 5 – Comunalidades**

|                          | Inicial | Extração |
|--------------------------|---------|----------|
| Desemprego               | 1,000   | ,568     |
| Procura de Emprego       | 1,000   | ,546     |
| Flexibilidade            | 1,000   | ,526     |
| Contratos a Termo        | 1,000   | ,753     |
| Recibos Verdes           | 1,000   | ,634     |
| Estágios                 | 1,000   | ,768     |
| Precariedade             | 1,000   | ,625     |
| Insegurança              | 1,000   | ,493     |
| Oportunidade             | 1,000   | ,661     |
| Baixos Rendimentos       | 1,000   | ,490     |
| Pobreza                  | 1,000   | ,487     |
| Escravidão               | 1,000   | ,538     |
| Crise Económica          | 1,000   | ,608     |
| Ajustamento do Emprego   | 1,000   | ,588     |
| Falta de Proteção Social | 1,000   | ,701     |
| Saúde e Bem-Estar        | 1,000   | ,562     |

Relativamente ao total da variância explicada, foram retidos 6 valores com valor próprio superior a 1, o que explica 59,678% da variabilidade total (Anexo H<sup>4</sup>) e como se pode ver também através do Gráfico 3 (Gráfico de Escarpa).

**Gráfico 3 – Gráfico de Escarpa**



<sup>4</sup> Consultar Anexo H

De seguida, apresenta-se a matriz de componente rotativa, a qual consiste na rotatividade dos eixos de referência das componentes, em torno da origem, até alcançar uma posição “ideal”. Esta tem como finalidade simplificar a leitura dos componentes, uma vez que a rotação deixa os pesos fatoriais altos num componente e baixos noutros, permitindo definir melhor os grupos de variáveis que fazem parte de um determinado componente estudado. Esta rotação é obtida através do método de rotação Varimax com normalização de Kaiser.

**Tabela 6** – Matriz de componente rotativa (Total)

|                          | Componente |       |       |       |       |       |
|--------------------------|------------|-------|-------|-------|-------|-------|
|                          | 1          | 2     | 3     | 4     | 5     | 6     |
| Saúde e Bem-Estar        | ,710       | -,082 | -,152 | -,140 | ,087  | ,018  |
| Baixos Rendimentos       | ,660       | ,024  | ,002  | ,069  | -,218 | -,048 |
| Precariedade             | ,623       | ,378  | -,010 | -,135 | -,256 | ,102  |
| Insegurança              | ,545       | -,079 | ,181  | ,388  | -,074 | ,032  |
| Pobreza                  | ,521       | -,151 | ,203  | ,133  | ,251  | -,266 |
| Contratos a Termo        | -,161      | ,833  | ,108  | -,098 | ,000  | ,113  |
| Recibos Verdes           | ,097       | ,778  | ,035  | ,081  | ,062  | -,083 |
| Crise Económica          | -,090      | -,234 | ,712  | ,096  | -,145 | -,090 |
| Flexibilidade            | -,034      | ,231  | ,681  | ,009  | -,085 | -,030 |
| Ajustamento do Emprego   | ,169       | ,148  | ,677  | -,127 | ,197  | ,159  |
| Desemprego               | -,133      | -,088 | ,018  | ,701  | -,028 | -,225 |
| Falta de Proteção Social | ,394       | ,078  | -,068 | ,686  | -,065 | ,246  |
| Oportunidade             | -,114      | ,028  | ,120  | -,123 | ,758  | ,207  |
| Procura de Emprego       | -,043      | ,026  | -,168 | ,047  | ,710  | -,099 |
| Estágios                 | -,124      | ,091  | -,011 | ,044  | ,147  | ,849  |
| Escravidão               | ,143       | -,172 | ,062  | -,419 | -,141 | ,537  |

Da análise da Tabela 6, podemos concluir que a primeira componente relaciona fortemente a saúde e bem-estar, os baixos rendimentos, a precariedade, a insegurança e a pobreza. Quer isto dizer que as notícias tendem a associar estas ideias, indicando que a precariedade e a insegurança caracterizam a flexibilidade e podem estar associadas a baixos rendimentos que, por sua vez, conduzem à pobreza e afetam a saúde e bem-estar.

A componente 2 evidencia certas características da flexibilidade, mostrando que esta se traduz em contratos de duração determinada e recibos verdes. Do seu lado, a componente 3 ilustra as causas da flexibilidade, designadamente, a ideia de que a crise económica conduziu ao ajustamento do emprego.

A componente 4 conduz a um outro fenómeno do mercado de trabalho. Nesta, surge uma associação entre o desemprego e a falta de proteção social. As notícias tendem a indicar

que os desempregados estão socialmente desprotegidos. As notícias mostram ainda que a procura de emprego por parte desses desempregados poderá estar condicionada às oportunidades de emprego. Esta ideia parece estar subjacente na componente 5 que agrega procura de emprego com oportunidade.

Por último, a sexta componente ilustra um dos aspetos mais sensíveis da flexibilidade do mercado de trabalho. Ao apontar uma relação forte entre estágios e escravatura, indica que os *Media* têm percepção que os estágios estão a ser usados como uma forma de redução de custos salariais, permitindo às empresas obter mão-de-obra a custos baixos ou nulos.

#### *4.3.2.2. Análise em Componentes Principais por ano (2009 e 2016) e por diário (Jornal de Notícias e Público)*

A análise seguinte incide sobre as diferenças entre 2009 e 2016 e entre os dois jornais analisados, Público e Jornal de Notícias<sup>5</sup>. Os resultados apontam para poucas diferenças que importa reter.

Neste sentido, podemos verificar que no ano de 2009 as associações fortes que existem são idênticas às apresentadas na secção anterior, como tal não me parece pertinente falar das mesmas, uma vez que já foram descritas. No entanto, relativamente ao ano de 2016 surgiram novas associações. Por exemplo, numa das componentes surge uma forte associação entre contratos a termo, recibos verdes e escravatura, ou seja, a imprensa aborda o facto dos recibos verdes estarem muitas vezes presentes nos contratos a termo e que estes são vistos como a nova forma de escravatura. Comparativamente à análise global, verifica-se que não são apenas os estágios que são vistos como uma forma de escravatura.

Do seu lado, não se verifica uma diferença acentuada entre os dois diários analisados. Todavia, há associações que importa reter. Por exemplo, no Jornal de Notícias é possível encontrar uma associação entre desemprego, estágios e escravatura, dando indicações de que situações de desemprego podem levar os jovens adultos a sujeitar-se a estágios que são vistos como a forma de escravatura moderna.

Devemos ainda reter que numa das componentes existe uma forte associação entre falta de proteção social e insegurança, o que indica que a flexibilidade gera situações de insegurança e de falta de proteção social. Além disso, o diário sugere que a pobreza afeta a saúde e bem-estar, na medida em que agrupa estas duas categorias numa única componente.

As notícias do jornal Público mostram também algumas particularidades. Numa componente existe uma associação forte entre oportunidade e estágios, sugerindo os estágios

---

<sup>5</sup> Consultar tabelas de componente rotativa nos Anexos I (2009 e 2016) e J (Jornal de Notícias e Público)

podem ser vistos como uma oportunidade dos jovens ganharem experiência para poderem mais tarde integrar o mercado de trabalho.

Do seu lado, uma das componentes mostra que existe uma relação entre ajustamento de emprego e pobreza, ou seja, as notícias publicadas pelo Público revelam que o ajustamento de emprego trouxe muitas vezes situações de pobreza aos jovens adultos.

## CONCLUSÃO

A flexibilidade do mercado de trabalho é uma realidade cada vez mais presente no quotidiano dos portugueses e os *Media* têm abordado este tema com frequência nas notícias publicadas, dando especial ênfase para a precariedade que advém desta flexibilidade e afeta os jovens adultos. Esta pesquisa incidiu sobre essas notícias para verificar a forma como a imprensa aborda a questão da flexibilidade. A literatura distingue características, causas e consequências da flexibilidade. Este trabalho seguiu esta lógica e procurou identificar as características associadas à flexibilidade; quais são as causas e as consequências implícitas nas notícias.

A flexibilidade surge na sequência da degradação dos mercados de trabalho internos e à crescente valorização dada aos mercados de trabalho externos. Esta é vista pelas empresas como uma forma de adaptação às contantes oscilações do mercado de trabalho e caracteriza-se por instabilidade e insegurança.

As principais causas da flexibilidade são: a introdução crescente da tecnologia dentro das empresas, que acaba por libertar mão de obra e por permitir que o trabalho seja feito a partir de qualquer ponto desde que os prazos de entrega sejam cumpridos; o facto de periodicamente existirem crises económicas que originam situações crescentes de flexibilidade e, consequentemente, ajustamento do emprego; a mudança da cultura de trabalho, uma vez que existe uma maior colaboração entre empresas e, consequentemente, uma maior partilha de informação, já que nos encontramos num mundo cada vez mais globalizado.

Relativamente às consequências da flexibilidade do mercado de trabalho, pode falar-se em consequências positivas e negativas para o trabalhador.

Sendo que as positivas são: a autonomia do trabalho, uma vez que o indivíduo pode organizar a sua agenda como pretender, desde que cumpra os prazos estipulados pela entidade patronal; o aumento de tempo de qualidade que o indivíduo pode dedicar à sua vida pessoal; a possibilidade de poder ganhar um rendimento extra fora a sua atividade diária de trabalho.

Já as negativas apontam para: a intensificação do trabalho, que pode afetar a saúde e bem-estar dos indivíduos; a redução de oportunidades de emprego, ou seja cada vez mais os contratos de trabalho são considerados mais precários e deixa de existir os ditos “empregos para a vida”, há quem considera que o termo “escravatura” moderna se adapta a algumas situações de emprego emergentes; o surgimento de situações de pobreza originada pela falta de trabalho e pelos baixos salários; a precariedade não só do mercado de trabalho, mas do próprio posto de trabalho.

A literatura apontou também para uma segmentação do mercado de trabalho, no sentido em que certas categorias da população são mais vulneráveis à instabilidade e insegurança no mercado de trabalho. Assim, o grupo mais afetado por esta realidade são os jovens adultos, uma vez que não têm a experiência necessária para integrar o mercado de trabalho.

A análise empírica incidiu sobre os *Media*, na medida em que os jornais geram informação sobre os temas que marcam a atualidade e transmitem em tempo real essa informação ao público, permitindo a criação de opiniões sobre os assuntos do quotidiano.

Não é de estranhar, então, que os *Media* tenham dado destaque ao período de crise económica que assolou o país desde 2008, tendo publicado inúmeras notícias sobre o mesmo. A análise dessas notícias permitiu assim explorar a forma como os *Media* analisam a flexibilidade, veiculando ideias sobre as características, causas e consequências. Para tal, foram analisados dois jornais diários em formato digital (o Jornal de Notícias e o Público) e dois períodos distintos (um período de crise – 2009 – e um período mais recente – 2016).

Dado todo o material empírico apresentado, pode-se afirmar que através da análise das notícias publicadas nos diários Jornal de Notícias e Público, nos anos de 2009 e 2016, verificou-se uma frequência mais elevada das seguintes categorias: desemprego, crise económica, precariedade e flexibilidade.

Verificou-se, tanto no Jornal de Notícias, como no Público que existiu uma diminuição de 2009 para 2016 da frequência com que as categorias desemprego e crise económica foram referidas nas notícias. Já as notícias publicadas sobre a precariedade e flexibilidade registaram um aumento de 2009 para 2016. Esta situação sugere, então, que o discurso dos *Media* reflete as condições de mercado de trabalho, uma vez que se verifica uma diminuição e um aumento de notícias tendo em consideração o período que se está a falar (Proposição 1).

É perceptível pela análise feita aos Gráficos 1 e 2, que as notícias publicadas referem as características, causas e consequências da flexibilidade, permitindo através da Análise em Componentes Principais perceber as associações existentes entre as mesmas.

Foi, precisamente, através da Análise em Componentes principais que foi possível validar as proposições anteriormente mencionadas no Capítulo III (3.1. Hipóteses e Estudo).

Sendo assim, podemos afirmar que existem associações fortes no discurso dos *Media* que relacionam a crise económica com a flexibilidade (Tabela 6 e Anexos I1, I2, J1 e J2). Já o desemprego aparece fortemente associado à falta de proteção social (Tabela 6 e Anexos I1 e J2) e aos estágios e à escravatura (Anexo J1). Quanto à precariedade, verifica-se uma associação forte com: a saúde e bem-estar, os baixos rendimentos, a insegurança e a pobreza (Tabela 6 e

Anexo I1); os baixos rendimentos (Anexos I2 e J1); os baixos rendimentos e a insegurança (Anexo J2) – Proposição 2 e 3.

Ou seja, desta análise pode afirmar-se que os *Media* percecionam através das notícias que publicam que a crise económica gera situações de flexibilidade, que muitas vezes originam desemprego, podendo os desempregados estar em situações de falta de proteção social, que o emprego criado é precário, que acaba por afetar a saúde e bem-estar, os rendimentos e a percepção de segurança dos jovens adultos.

Pode-se ainda afirmar, através dos resultados obtidos neste estudo, que os *Media* publicaram notícias nas quais referem que o ajustamento do emprego foi provocado pela crise económica (como se pode verificar através da análise feita à Tabela 6 e Anexos I1 e J1). Apenas de referir que o ajustamento de emprego é visto, ainda, pelos *Media* como uma oportunidade de reduzir a pobreza existente (Anexo I2), podendo, também, ser encarado como uma situação que pode gerar mais pobreza (Anexo J2).

Uma outra conclusão que podemos tirar deste trabalho é que a ideia de “escravatura” ganhou novo significado na atualidade e aparece fortemente associada nas notícias: aos estágios (Tabela 6 e Anexo I1); aos contratos a termo e aos recibos verdes (Anexos I2 e J2); aos estágios e desemprego (Anexo J1).

Em suma, este trabalho de natureza exploratória permitiu identificar ideias que são veiculadas pela imprensa relativamente à flexibilidade do mercado de trabalho. Embora abra pistas para investigação futura, este trabalho tem limitações que importa reter. Uma das principais lacunas deste trabalho prende-se com a quantidade de jornais diários analisados, já que seria interessante estudar outros diários, ou quem sabe semanários, em que fosse possível determinar a filiação partidária dos mesmos e fazer uma análise das notícias nesse sentido. Seria interessante analisar diários que sejam dirigidos por apoiantes de “esquerda” e de “direita” política, de forma a poder diferenciar o tipo de notícias publicadas. Em trabalhos futuros seria importante analisar conjuntamente notícias sobre a evolução do mercado de trabalho, através de estatísticas, e as ideias veiculadas na imprensa.

## BIBLIOGRAFIA

- Baranowska, P. (2014). The Coverage of the Eurozone Economic Crisis in the British Press. *Perspectives on European Politics and Society*. 15, nº14, 500–517.
- Bradley, H., & Devadason, R. (2008). Fractured Transitions: Young Adult's Pathways into Contemporary Labour Markets. *Sociology*, 42(1), 119–136.
- Calixto, L. (2008). Estudos de Caso sobre Custos Ambientais: Ênfase nos Procedimentos Metodológicos. *Revista de Administração Mackenzie*, 10(2), 87-109.
- Caregnato, R., & Mutti, R. (2006). Pesquisa Qualitativa: Análise de Discurso *versus* Análise de Conteúdo. *Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, 15(4), 679-84.
- Casaca, S. (2005). Flexibilidade, Trabalho e Emprego: Ensaio de Conceptualização. *Socius - Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações*. Instituto Superior de Economia e Gestão. Universidade Técnica de Lisboa.
- Coelho, M. (2009). Jovens no Discurso da Imprensa Portuguesa: um Estudo Exploratório. *Análise Social*, XLIV(191), 361-377.
- Creswell, J. (2007). Projeto de Pesquisa: Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto.
- Dayrell, J. (2003). O Jovem como Sujeito Social. *Revista Brasileira de Educação*, nº24, 40-52.
- Diogo, F. (2010). Precários Voláteis e Trajectórias de Emprego em Carrossel, o Caso dos Beneficiários do RSI. *Forum Sociológico*, 20:29-38.
- Doeringer, P., & Piore, M. (1985). Internal Labor Markets and Manpower Analysis. [https://books.google.pt/books?hl=ptpt&lr=&id=a8s5yywkacwc&oi=fnd&pg=pr7&dq=doeringer+e+piore+1985&ots=qmnpymnwv&sig=phhdvhkajrtnppdw9w66iqjq0&redir\\_esc=y#v=onepage&q=doeringer%20e%20piore%201985&f=false](https://books.google.pt/books?hl=ptpt&lr=&id=a8s5yywkacwc&oi=fnd&pg=pr7&dq=doeringer+e+piore+1985&ots=qmnpymnwv&sig=phhdvhkajrtnppdw9w66iqjq0&redir_esc=y#v=onepage&q=doeringer%20e%20piore%201985&f=false) – consultado a 01 de abril de 2017.
- Elena, S.N. (2014). The Role of Media in Society. *Ovidius University Annals, Series Economic Sciences*. Special Issue, 14, 248-250.
- Estanque, E. (2012). Precariedade, Sindicalismo e Ação Coletiva. *Configurações*, 9: 81-102.
- Green, F., Mostafa, T., Parent-Thirion, A., Vermeulen, G., Houten, G., Biletta, I., & Lyly-Yrjanainen, M. (2013). Is Job Quality Becoming More Unequal?. *ILR Review*, 66 (4).
- Kalleberg, A. (2009). O Crescimento do Trabalho Precário: um Desafio Global. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 24, nº 69.
- Kalleberg, A. (2009). Precarious Work, Insecure Workers: Employment Relations in Transition. *American Sociological Review*, 74.

- Kalleberg, A. (2012). Job Quality and Precarious Work: Clarifications, Controversies, and Challenges. *Work and Occupations*, 39(4) 427–448.
- Kalleberg, A., Reskin B. & Hudson, K. (2000). Bad Jobs in America: Standard and Nonstandard Employment Relations and Job Quality in the United States. *American Sociological Review*, 65, 256-278.
- Kieselbach, T. (2003). Long-Term Unemployment Among Young People: The Risk of Social Exclusion. *American Journal of Community Psychology*, 32, nº 1 e 2.
- Kovács, I. (2004). Emprego Flexível em Portugal. *Sociologias*, Porto Alegre, Ano 6, 12, 32-67.
- Lauricella, S. (2016). The Ancient-Turned-New Concept of “Spiritual Hygiene”: An Investigation of Media Coverage of Meditation from 1979 to 2014. *J Relig Health*, 55, 1748–1762.
- Lee, J. (2015). Internal Labor Markets Under External Market Pressures. *ILR Review*, 68(2), 338–371.
- Lobato, C. (2004). O Significado do Trabalho para o Adulto Jovem no Mundo do Provisório. *Revista de Psicologia da UNC*, 1, nº 2, 44-53.
- Melo, S., & Borges, L. (2007). A Transição da Universidade ao Mercado de Trabalho na ótica do Jovem. *Psicologia Ciência e Profissão*, 27(3), 376-395.
- Moreira, A. (2007). Comparação da Análise de Componentes Principais e da CATPCA na Avaliação da Satisfação do Passageiro de uma Transportadora Aérea. *Associação Portuguesa de Investigação Operacional*, 27, 165-178.
- Mylonas, Y. (2012). Media and the Economic Crisis of the EU: The “Culturalization” of a Systemic Crisis and Bild-Zeitung’s Framing of Greece. *Triplec*, 10(2), 646-671.
- Raupp, F., & Beuren, I. (2003). Metodologia da Pesquisa Aplicável às Ciências Sociais. Como Elaborar Trabalhos Monográficos em Contabilidade: Teoria e Prática. São Paulo: Atlas.
- Reilly, J., Macinnes, J., Nazio, T., & Roche, J. (2009). The United Kingdom: From Flexible Employment to Vulnerable Workers. *Gender and the Contours of Precarious Employment* Edited by Leah, F., Vosko, Martha Macdonald, & Iain Campbell.
- Rose, M., & Baumgartner, F. (2013). Framing the Poor: Media Coverage and U.S. Poverty Policy, 1960–2008. *The Policy Studies Journal*, 41, nº1.
- Sanchis, E. (1997). Da Escola ao Desemprego. Rio de Janeiro: Editora Agir.

- Smithson, J., Lewis, S., & Guerreiro, M. (1998). Percepções dos Jovens sobre a Insegurança no Emprego e suas Implicações no Trabalho e na Vida Familiar. *Problemas e Práticas*, 27, 97-113.
- Suleman, F. (2007). *O Valor das Competências: um Estudo Aplicado ao setor Bancário*. Lisboa, Livros Horizonte.
- Tregaskis, O., Brewster, C., Mayne, L., & Hegewisch, A. (1998). Flexible Working in Europe: The Evidence and the Implications. *European Journal of Work and Organizational Psychology*, 7 (1), 61–78.
- Watt, J. (2008). *Job Quality in Europe*. Etui-Rehs Aisbl, Bruxelas.
- PORDATA: <http://www.pordata.pt/>. Acedido a 12 de outubro de 2016.

# ANEXOS

## Anexo A1

Dicionário de Categorias: A Abordagem dos *Media* ao mercado de trabalho dos jovens adultos

| Mercado de Trabalho: Mediadores/Intervenientes                                                                  | Características do Mercado de Trabalho                                                                                                                                                                |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Licenciado:</b> Representa uma pessoa que possui o grau académico de Licenciatura                            | <b>Flexibilidade:</b> Capacidade de adaptação dos indivíduos às alterações do mercado de trabalho                                                                                                     |
| <b>Pouco Qualificado:</b> Pessoa que possui um grau académico baixo, não tendo nenhuma formação especializada   | <b>Contrato a Termo:</b> Contrato cujo início e fim estão bem definidos                                                                                                                               |
| <b>Mulher:</b> Pessoa adulta do sexo feminino                                                                   | <b>Trabalho Temporário:</b> Tem datas definidas e implica que exista uma relação entre a empresa de trabalho temporário como empregadora, a empresa utilizadora e o colaborador                       |
| <b>Jovem:</b> Indivíduo na faixa etária entre os 20 e os 35 anos                                                | <b>Trabalho Independente:</b> O indivíduo é o seu próprio empregador, sendo ao mesmo tempo trabalhador e empresário                                                                                   |
| <b>Emigrante:</b> Pessoa que sai do seu país de origem para se estabelecer temporária ou definitivamente noutro | <b>Trabalho a Tempo Parcial:</b> Tem-se em consideração o tempo de trabalho, podendo o mesmo assumir diversas variantes, nomeadamente horas por dia, mês, semana, entre outros                        |
| <b>Imigrante:</b> Pessoa que veio do exterior e se estabelece num país que não é o seu de origem                | <b>Recibos Verdes:</b> Contrato de prestação de serviços em que o trabalhador não tem um "patrão" formal e tem autonomia de execução do seu trabalho, sendo considerado um colaborador pelas empresas |
|                                                                                                                 | <b>Estágios:</b> Denomina o período de tempo em que uma pessoa exerce uma atividade temporária de forma a aperfeiçoar a sua formação académica                                                        |
|                                                                                                                 | <b>Precariedade:</b> Situação ou condição laboral que é instável, insegura, frágil ou contingente                                                                                                     |
|                                                                                                                 | <b>Insegurança:</b> Representa a instabilidade sentida pelas pessoas relativamente à situação do mercado de trabalho                                                                                  |

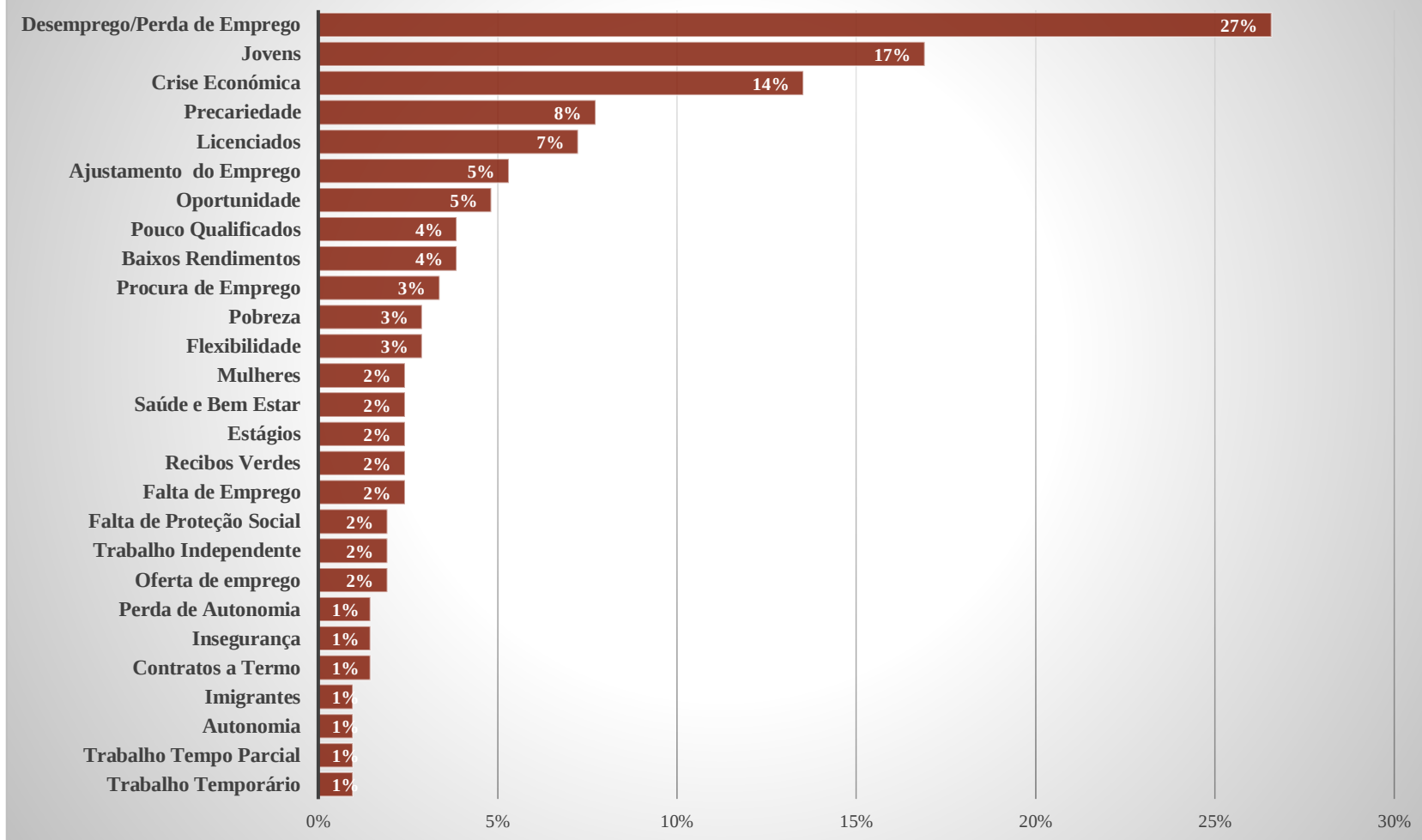
## Anexo A2

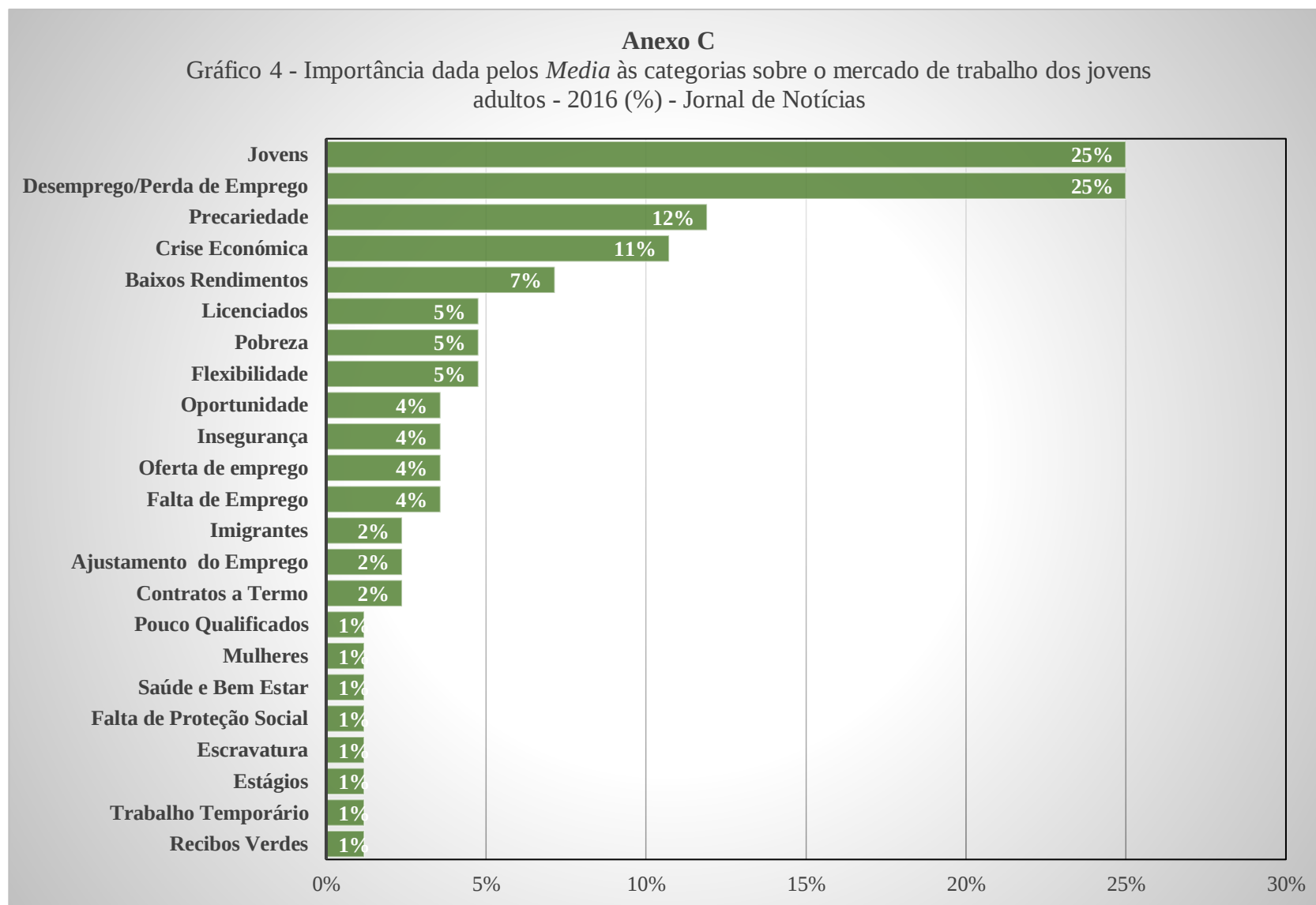
### Dicionário de Categorias: A Abordagem dos *Media* ao mercado de trabalho dos jovens adultos

| Causas da Flexibilidade                                                                                                                                                                                                       | Consequências da Flexibilidade                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Perda de emprego/Desemprego:</b> Situação em que os indivíduos ficam sem trabalho, sendo uma situação involuntária                                                                                                         |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>Falta de Emprego:</b> Situação causada pela conjuntura económica de um país e onde a procura de emprego é superior à oferta                                                                                                |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>Crise Económica:</b> Situação causada pelas oscilações do ciclo económico, que levam os governos a adotar medidas de contingência económica                                                                                | <b>Procura de Emprego:</b> Consiste na iniciativa do indivíduo procurar trabalho por si próprio                                                                                                                                                                                                                                                   |
|                                                                                                                                                                                                                               | <b>Oferta de Emprego:</b> Refere-se à disponibilidade de vagas de emprego existentes para serem oferecidas aos indivíduos                                                                                                                                                                                                                         |
|                                                                                                                                                                                                                               | <b>Oportunidade:</b> Acontecimento oportuno capaz de melhorar o estado atual de um indivíduo, referindo-se à possibilidade de trabalhar em troca de uma compensação financeira                                                                                                                                                                    |
| <b>Ajustamento do Emprego:</b> Práticas que têm como objetivo diminuir os desvios referentes às necessidades das empresas e aos recursos disponíveis, quer quantitativamente (efetivos), quer qualitativamente (competências) | <b>Baixos Rendimentos:</b> Refere-se ao pouco ganho monetário dos indivíduos mediante o desempenho de determinada atividade profissional, por um determinado período                                                                                                                                                                              |
|                                                                                                                                                                                                                               | <b>Acréscimo de Rendimentos:</b> Representa a possibilidade dos indivíduos poderem aumentar os seus ganhos económicos mediante préstimo do seu trabalho, poderá representar um trabalho realizado fora da sua atividade laboral diária                                                                                                            |
|                                                                                                                                                                                                                               | <b>Pobreza:</b> Estado de uma pessoa que não reúne as condições básicas para garantir a sua sobrevivência com qualidade de vida e dignidade                                                                                                                                                                                                       |
|                                                                                                                                                                                                                               | <b>Insegurança:</b> Representa a falta de segurança que os indivíduos sentem relativamente à sua situação profissional                                                                                                                                                                                                                            |
|                                                                                                                                                                                                                               | <b>Precariedade:</b> Situação ou condição laboral que é instável, insegura, frágil ou contingente                                                                                                                                                                                                                                                 |
|                                                                                                                                                                                                                               | <b>Escravidão:</b> Refere-se à prática de trabalho forçado. Esta encontra-se relacionada com a privação de liberdade do trabalhador, sendo o mesmo obrigado a prestar um serviço, que pode não ser remunerado ou receber um valor insuficiente pelo mesmo, não satisfaz as suas necessidades e advém, geralmente, de relações de trabalho ilegais |
|                                                                                                                                                                                                                               | <b>Falta de Proteção Social:</b> Representa uma situação de vulnerabilidade ou um risco social e pessoal no acesso aos programas sociais                                                                                                                                                                                                          |
|                                                                                                                                                                                                                               | <b>Saúde e Bem Estar:</b> Estado, quer físico, quer mental, de saúde dos indivíduos                                                                                                                                                                                                                                                               |
|                                                                                                                                                                                                                               | <b>Autonomia:</b> Capacidade que os jovens têm de se governar pelos seus próprios meios, podendo a mesma afetar a escolha quanto à sua situação profissional                                                                                                                                                                                      |
|                                                                                                                                                                                                                               | <b>Perda de Autonomia:</b> Situação causada pela instabilidade do mercado de trabalho que impossibilita os jovens de se governar pelos seus próprios meios                                                                                                                                                                                        |

**Anexo B**

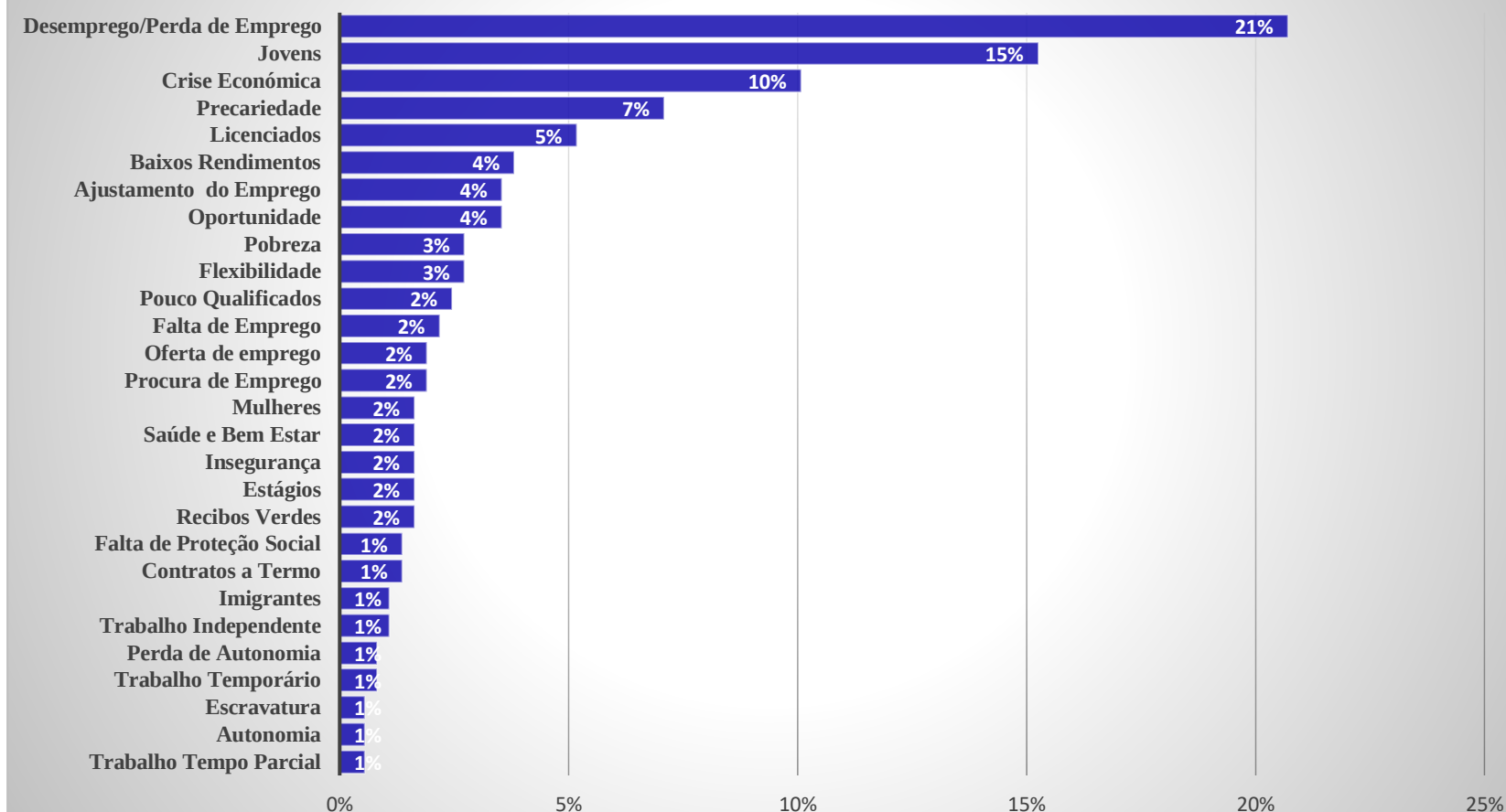
Gráfico 3 - Importância dada pelos *Media* às categorias sobre o mercado de trabalho dos jovens adultos - 2009 (%) - Jornal de Notícias

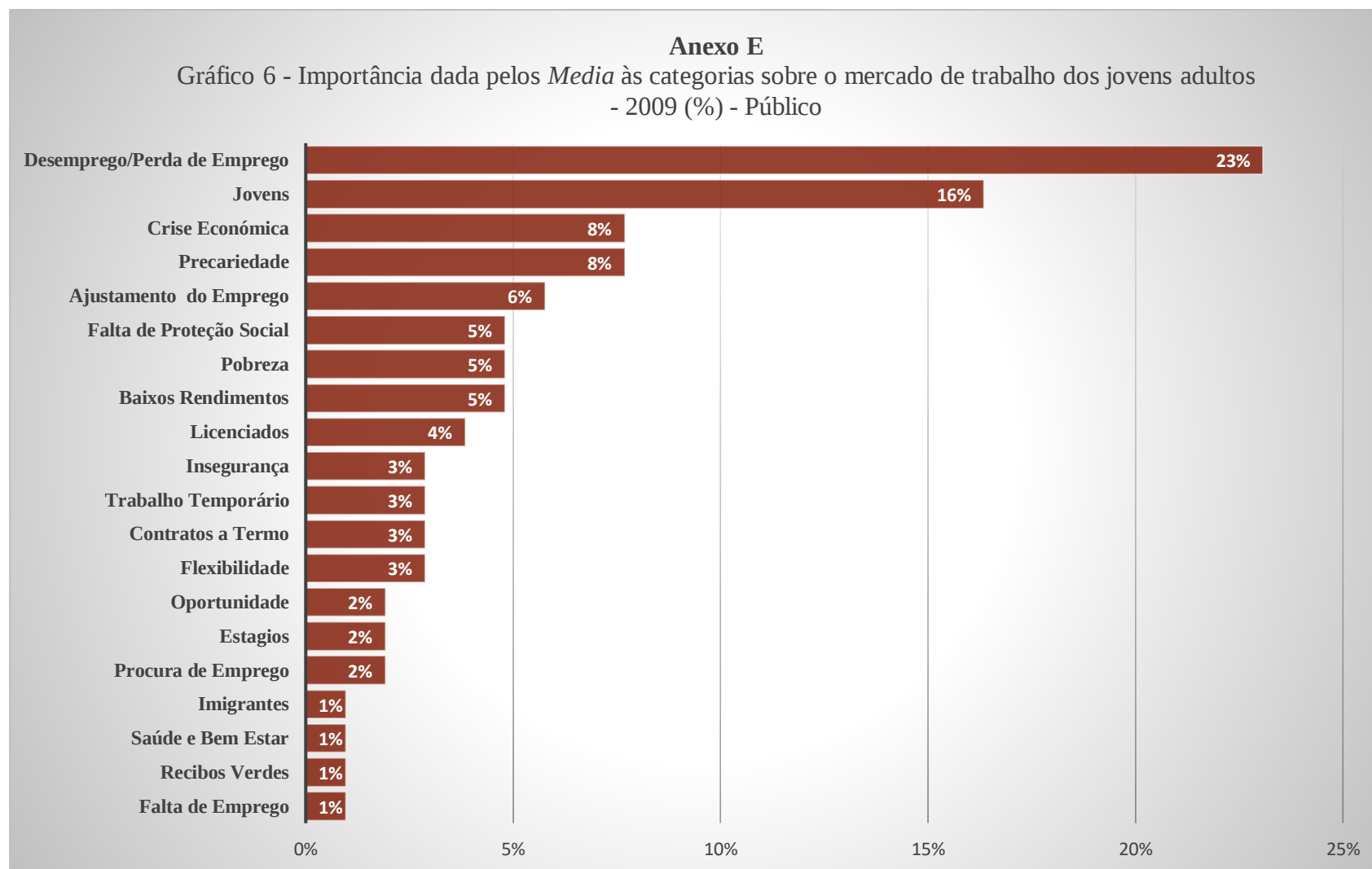




# Anexo D

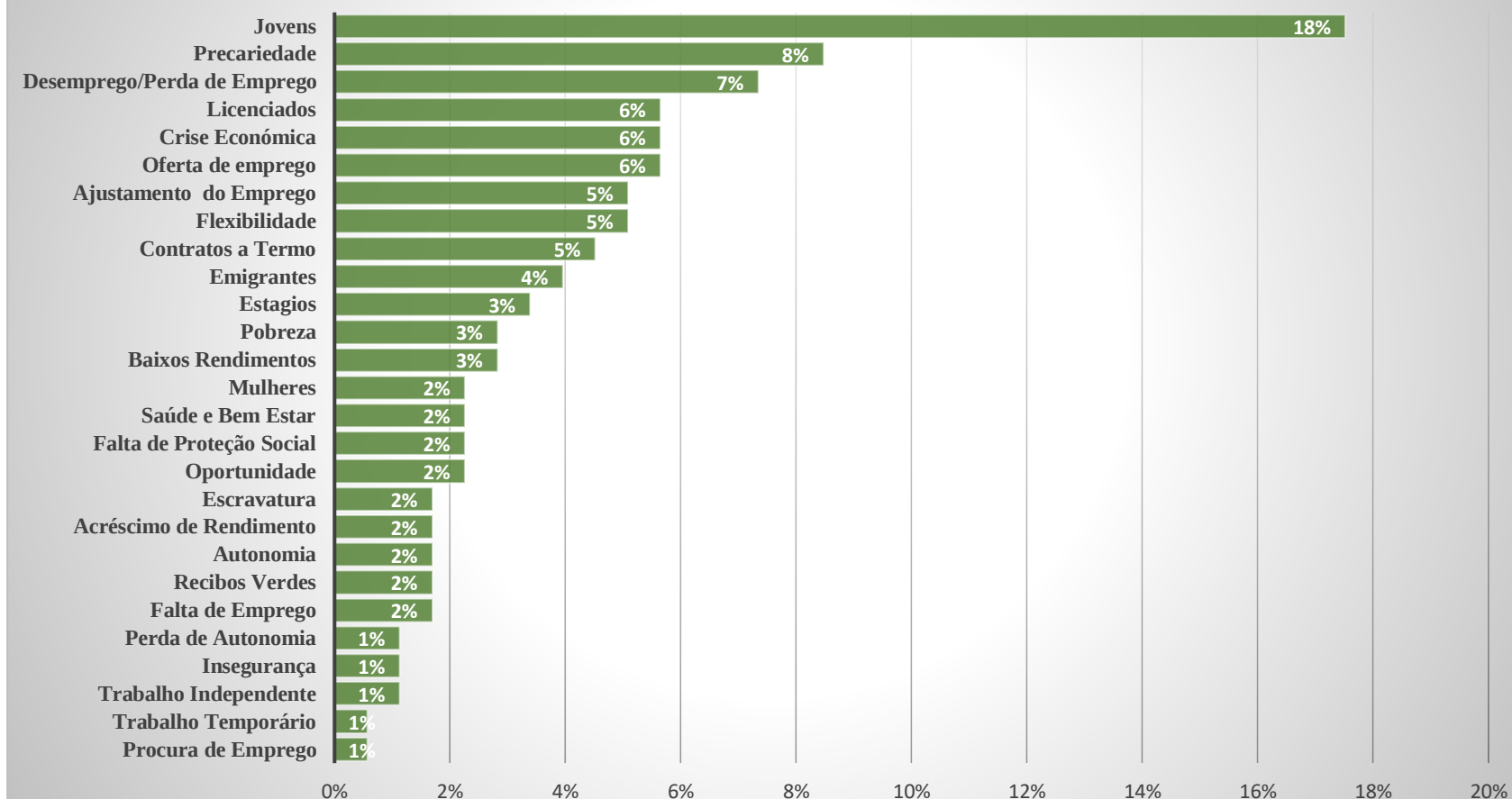
Gráfico 5 - Importância dada pelos *Media* às categorias sobre o mercado de trabalho dos jovens adultos - Total (%) - Jornal de Notícias





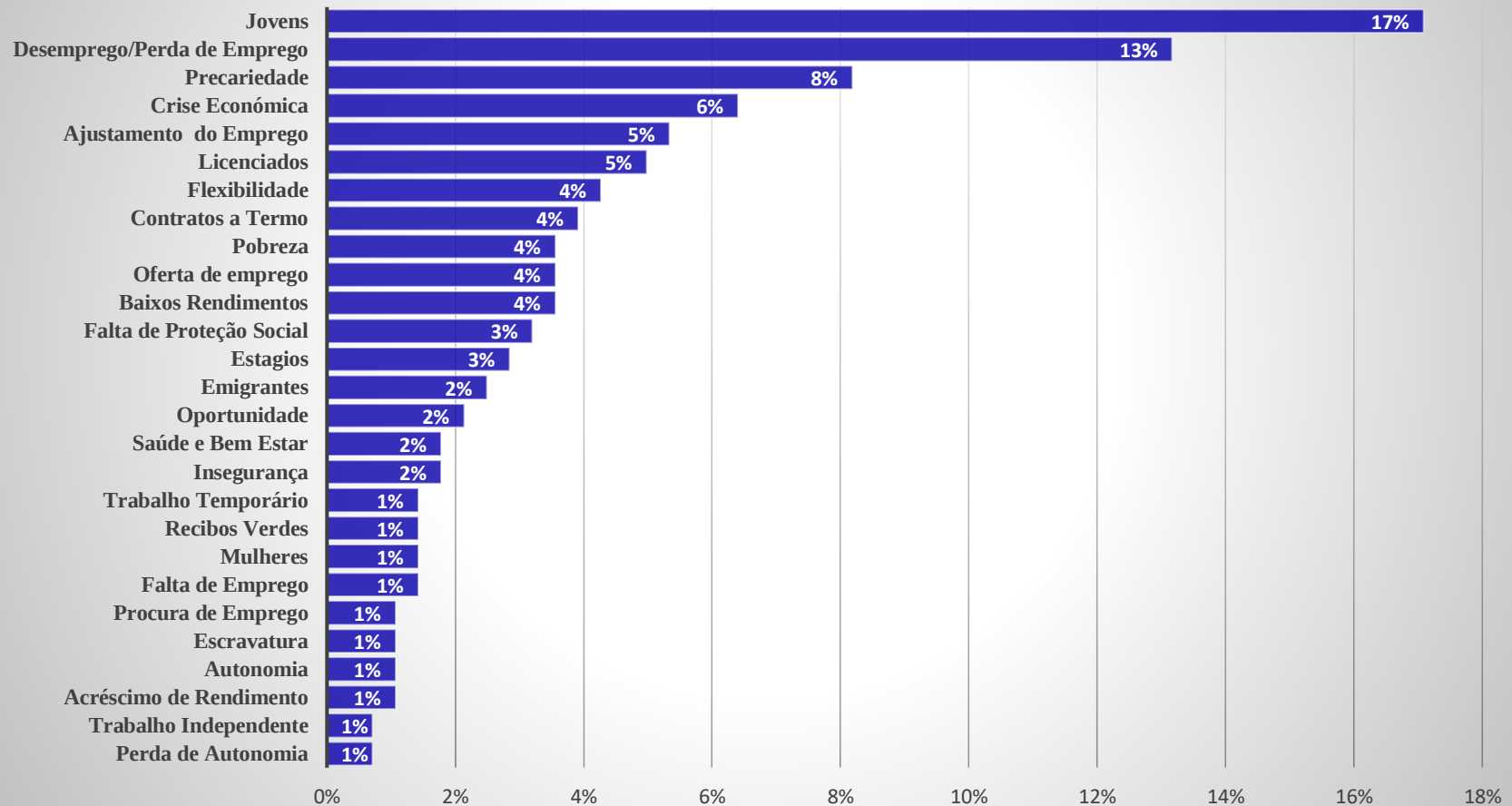
**Anexo F**

Gráfico 7 - Importância dada pelos *Media* às categorias sobre o mercado de trabalho dos jovens adultos  
- 2016 (%) - Público



## Anexo G

Gráfico 8 - Importância dada pelos *Media* às categorias sobre o mercado de trabalho dos jovens adultos  
- Total (%) - Público



## Anexo H

### Variância total explicada

| Componente | Autovalores iniciais |                |              | Somadas extração de carregamentos ao quadrado |                |              | Somadas rotação de carregamentos ao quadrado |                |              |
|------------|----------------------|----------------|--------------|-----------------------------------------------|----------------|--------------|----------------------------------------------|----------------|--------------|
|            | Total                | % de variância | % cumulativa | Total                                         | % de variância | % cumulativa | Total                                        | % de variância | % cumulativa |
|            |                      |                |              |                                               |                |              |                                              |                |              |
| 1          | 2,374                | 14,839         | 14,839       | 2,374                                         | 14,839         | 14,839       | 2,193                                        | 13,708         | 13,708       |
| 2          | 1,886                | 11,786         | 26,624       | 1,886                                         | 11,786         | 26,624       | 1,661                                        | 10,384         | 24,092       |
| 3          | 1,564                | 9,778          | 36,402       | 1,564                                         | 9,778          | 36,402       | 1,590                                        | 9,935          | 34,027       |
| 4          | 1,406                | 8,785          | 45,187       | 1,406                                         | 8,785          | 45,187       | 1,408                                        | 8,798          | 42,825       |
| 5          | 1,301                | 8,129          | 53,316       | 1,301                                         | 8,129          | 53,316       | 1,385                                        | 8,656          | 51,481       |
| 6          | 1,018                | 6,362          | 59,678       | 1,018                                         | 6,362          | 59,678       | 1,311                                        | 8,197          | 59,678       |
| 7          | ,942                 | 5,885          | 65,562       |                                               |                |              |                                              |                |              |
| 8          | ,912                 | 5,700          | 71,262       |                                               |                |              |                                              |                |              |
| 9          | ,831                 | 5,191          | 76,453       |                                               |                |              |                                              |                |              |
| 10         | ,761                 | 4,756          | 81,210       |                                               |                |              |                                              |                |              |
| 11         | ,670                 | 4,187          | 85,397       |                                               |                |              |                                              |                |              |
| 12         | ,575                 | 3,597          | 88,994       |                                               |                |              |                                              |                |              |
| 13         | ,558                 | 3,488          | 92,481       |                                               |                |              |                                              |                |              |
| 14         | ,503                 | 3,142          | 95,623       |                                               |                |              |                                              |                |              |
| 15         | ,407                 | 2,544          | 98,167       |                                               |                |              |                                              |                |              |
| 16         | ,293                 | 1,833          | 100,000      |                                               |                |              |                                              |                |              |

## Anexo I

### Matriz de componentes rotativa por ano (2009 e 2016)

*Anexo I1* – Matriz de componente rotativa (2009)

|                          | Componente |       |       |       |       |       |
|--------------------------|------------|-------|-------|-------|-------|-------|
|                          | 1          | 2     | 3     | 4     | 5     | 6     |
| Insegurança              | ,716       | ,271  | -,068 | ,002  | ,072  | ,276  |
| Baixos Rendimentos       | ,677       | ,181  | ,023  | -,137 | -,101 | -,023 |
| Pobreza                  | ,638       | -,171 | -,086 | ,055  | -,131 | ,024  |
| Precariedade             | ,560       | -,044 | ,456  | -,285 | -,002 | -,229 |
| Saúde e Bem-Estar        | ,521       | -,176 | ,048  | -,118 | ,210  | -,513 |
| Crise Económica          | -,083      | ,739  | -,086 | -,184 | -,253 | -,060 |
| Ajustamento do Emprego   | ,249       | ,705  | ,181  | ,157  | ,218  | -,198 |
| Flexibilidade            | -,006      | ,685  | ,199  | -,118 | -,040 | ,149  |
| Contratos a Termo        | -,208      | ,128  | ,824  | ,046  | ,082  | ,097  |
| Recibos Verdes           | ,122       | ,096  | ,795  | ,004  | -,083 | -,004 |
| Oportunidade             | -,144      | ,040  | -,130 | ,855  | ,157  | -,026 |
| Procura de Emprego       | -,011      | -,265 | ,165  | ,719  | -,139 | -,144 |
| Estágios                 | -,161      | -,077 | -,031 | ,163  | ,848  | -,006 |
| Escravidura              | ,069       | -,022 | ,014  | -,206 | ,687  | -,416 |
| Desemprego               | ,051       | -,011 | -,001 | -,171 | -,204 | ,702  |
| Falta de Proteção Social | ,478       | -,239 | ,240  | -,081 | ,192  | ,591  |

*Anexo I2* – Matriz de componente rotativa (2016)

|                          | Componente |       |       |       |       |       |       |
|--------------------------|------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
|                          | 1          | 2     | 3     | 4     | 5     | 6     | 7     |
| Falta de Proteção Social | ,748       | -,100 | ,073  | ,088  | ,143  | ,186  | ,069  |
| Insegurança              | ,699       | -,047 | ,064  | -,059 | -,008 | -,022 | -,021 |
| Saúde e Bem-Estar        | ,659       | -,034 | ,273  | ,080  | -,207 | -,226 | -,099 |
| Contratos a Termo        | -,069      | ,782  | -,101 | ,036  | ,069  | ,222  | -,296 |
| Recibos Verdes           | -,186      | ,726  | ,259  | ,085  | -,013 | ,099  | ,184  |
| Escravidura              | -,320      | -,446 | ,370  | -,009 | -,026 | ,332  | -,390 |
| Precariedade             | ,142       | ,183  | ,826  | -,028 | ,080  | ,092  | -,161 |
| Baixos Rendimentos       | ,242       | -,089 | ,736  | ,014  | -,167 | -,106 | ,229  |
| Pobreza                  | ,194       | -,184 | ,072  | ,756  | ,095  | -,320 | ,203  |
| Ajustamento do Emprego   | ,074       | ,101  | -,282 | ,690  | -,058 | ,283  | -,156 |
| Oportunidade             | -,342      | ,204  | ,244  | ,556  | ,069  | ,162  | -,062 |
| Flexibilidade            | ,018       | ,140  | ,019  | ,305  | ,762  | ,008  | -,216 |
| Procura de Emprego       | -,050      | -,033 | -,068 | -,238 | ,721  | -,098 | ,149  |
| Crise Económica          | ,072       | -,458 | -,012 | ,260  | ,502  | ,290  | ,112  |
| Estágios                 | ,011       | ,153  | ,013  | ,057  | -,025 | ,873  | ,036  |
| Desemprego               | -,048      | -,054 | ,024  | -,012 | ,015  | ,050  | ,895  |

## Anexo J

### Matriz de componentes rotativa por diário (Jornal de Notícias e Público)

**Anexo J1** – Matriz de componente rotativa (Jornal de Notícias)

|                          | Componente |       |       |       |       |       |       |
|--------------------------|------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
|                          | 1          | 2     | 3     | 4     | 5     | 6     | 7     |
| Precariedade             | ,840       | ,172  | ,122  | -,058 | -,180 | -,068 | ,049  |
| Baixos Rendimentos       | ,808       | -,036 | -,145 | ,050  | -,032 | ,185  | ,139  |
| Contratos a Termo        | -,045      | ,874  | ,060  | ,041  | -,066 | -,095 | -,142 |
| Recibos Verdes           | ,146       | ,807  | -,106 | ,046  | -,090 | ,118  | ,082  |
| Escravidão               | ,101       | -,119 | ,747  | ,023  | -,178 | -,215 | ,057  |
| Estágios                 | -,251      | ,111  | ,715  | -,158 | ,104  | ,173  | -,160 |
| Desemprego               | -,374      | -,029 | -,434 | -,091 | -,338 | -,232 | ,426  |
| Crise Económica          | ,025       | -,155 | -,065 | ,833  | -,142 | -,074 | -,071 |
| Flexibilidade            | -,064      | ,218  | -,096 | ,759  | -,036 | ,139  | -,014 |
| Ajustamento do Emprego   | ,125       | ,420  | ,312  | ,502  | ,147  | -,194 | ,222  |
| Oportunidade             | -,135      | -,090 | -,047 | ,013  | ,848  | -,117 | ,158  |
| Procura de Emprego       | -,057      | -,046 | -,017 | -,142 | ,763  | -,067 | -,118 |
| Falta de Proteção Social | ,005       | ,014  | ,039  | -,025 | -,077 | ,838  | -,060 |
| Insegurança              | ,149       | -,025 | -,051 | ,046  | -,102 | ,651  | ,307  |
| Pobreza                  | ,104       | -,018 | -,077 | ,008  | ,070  | ,106  | ,830  |
| Saúde e Bem-Estar        | ,355       | -,012 | ,459  | -,108 | -,088 | ,208  | ,513  |

**Anexo J2** – Matriz de componente rotativa (Público)

|                          | Componente |       |       |       |       |       |       |
|--------------------------|------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
|                          | 1          | 2     | 3     | 4     | 5     | 6     | 7     |
| Precariedade             | ,800       | ,044  | ,281  | -,070 | -,067 | ,208  | ,039  |
| Baixos Rendimentos       | ,716       | ,007  | -,178 | ,041  | ,190  | -,174 | -,149 |
| Insegurança              | ,536       | -,144 | -,082 | ,523  | ,123  | ,074  | -,086 |
| Oportunidade             | -,068      | ,812  | ,285  | ,142  | -,170 | ,019  | -,016 |
| Estágios                 | -,002      | ,796  | ,058  | -,070 | ,074  | -,001 | -,074 |
| Contratos a Termo        | -,048      | ,132  | ,815  | -,058 | -,090 | ,203  | -,049 |
| Recibos Verdes           | ,112       | ,285  | ,667  | -,116 | ,112  | -,077 | ,245  |
| Escravidão               | ,265       | ,406  | -,426 | -,347 | -,372 | ,276  | ,077  |
| Ajustamento do Emprego   | -,081      | ,330  | ,032  | ,748  | -,068 | ,197  | -,196 |
| Pobreza                  | ,150       | -,202 | -,174 | ,558  | ,112  | ,058  | ,257  |
| Desemprego               | ,085       | -,029 | -,022 | ,010  | ,900  | ,014  | ,047  |
| Falta de Proteção Social | ,535       | -,070 | ,008  | ,147  | ,572  | -,026 | ,203  |
| Flexibilidade            | ,076       | -,050 | ,185  | ,122  | -,091 | ,847  | ,052  |
| Crise Económica          | -,101      | ,153  | -,353 | ,333  | ,237  | ,506  | ,004  |
| Procura de Emprego       | -,113      | -,053 | ,114  | -,046 | ,127  | ,071  | ,903  |
| Saúde e Bem-Estar        | ,422       | -,156 | -,081 | ,350  | -,292 | -,388 | ,439  |